



Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde-ICBS
Setor de Práticas Pedagógicas

MEMORIAL DESCRITIVO

Promoção Docente Para Professor Titular, Classe E

Professora Sineide Correia Silva Montenegro

SIAPE - 1120274

Maceió, Novembro de 2018

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale – CRB4 - 661

M777m Montenegro, Sineide Correia Silva

Memorial descritivo : promoção docente para professor titular, classe E /
Sineide Correia Silva Montenegro. – Maceió : Universidade Federal de Alagoas,
2018.

78 p. : il.

Memorial (Concurso para Professor Titular Classe E) – Universidade Federal
de Alagoas. Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Maceió, 2018.

Inclui anexos.

1. Montenegro, Sineide Correia Silva – Memorial acadêmico. 2. Magistério.
3. Ensino superior. 4. Ciências biológicas. I. Universidade Federal de Alagoas.
II. Título.

CDU: 378.124.2:57

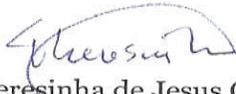


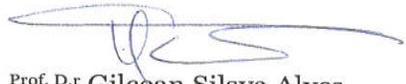
Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde – ICBS

ATA DA DEFESA DE MEMORIAL PARA PROMOÇÃO À CLASSE “E”
PROFESSOR TITULAR DE CARREIRA

Aos vinte e nove dias do mês de novembro de dois mil e dezoito, iniciando-se às quatorze horas, na Sala de Aula nº 19, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – PPG-CS—, no Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Alagoas, em atenção aos artigos 5º, 9º, 10 e 11 da Resolução Nº 78/2014 do Conselho Universitário desta Universidade, realizou-se a defesa do Memorial Acadêmico para a Promoção à Classe E, Professor Titular de Carreira, da Professora **Sineide Correia Silva Montenegro**, Siape 1120274, lotada neste ICBS, com exercício de atividades no Setor de Práticas Pedagógicas. A apresentação e defesa, juntamente com o documento escrito e seus elementos comprobatórios, por atenderem aos pontos previstos no artigo 18 da citada Resolução –I Domínio de ideias que tenham dado sustentação a trabalhos, atentando, de modo especial, para sua pertinência à área de conhecimento do Docente; II Contemporaneidade, abrangência e evolução do conhecimento na área; III Contribuição científica, técnica e/ou artística dos trabalhos; IV Formação de recursos humanos e orientação acadêmica; V Adequação da exposição do conteúdo ao tempo máximo de 60 (sessenta) minutos— foram aprovados com média 10,0 (dez inteiros e — décimos) pelos seguintes Professores Titulares, membros da Comissão Especial de Avaliação do Memorial Acadêmico, conforme a Resolução nº ___/2018-CONSUA-ICBS-UFAL, de ___ de novembro, e Portaria nº ___-ICBS-UFAL/2018 de ___ de novembro de 2018.

Maceió, 29 de novembro de 2018.


Prof.^a Dr.^a **Theresinha de Jesus Carvalho Calado**
Matrícula SIAPE 1119439
Universidade Federal de Alagoas
Presidente


Prof. D.r **Gilcean Silsva Alves**
Matrícula SIAPE 1120999
Instituto Federal da Paraíba
Membro titular


Prof.^a Dr.^a **Maria Inês Oliveira Araújo**
Matrícula SIAPE 1228671
Universidade Federal de Sergipe
Membro titular


Prof.^a Dr.^a **Flaviana Santos Wanderley**
Matrícula nº 500459
Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas
Membro titular

Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde
Campus A.C. Simões

Av. Lourival Melo Mota, s/n – Tabuleiro do Martins – CEP: 57072-900 – Maceió-AL
Telefones (82) 32141683 ou 81469488 E-mail: iracilda.lima@icbs.ufal.br

“..O tempo humano é sempre um tempo relatado..”
Paul Ricoeur

SUMÁRIO

1 Apresentação	5
2 Percursos e relatos de uma caminhada em direção à vida acadêmica na UFAL.....	10
3 O começo de tudo quando tudo ainda estava por vir a ser.....	16
4 Percursos da formação acadêmica: Pós-graduação.....	21
5 Envolvimentos acadêmicos nas Práticas de ENSINO.....	28
6 O enlace da Extensão com Ensino e Pesquisa.....	43
7 Caminhos inter cruzados da Pesquisa: Produções Acadêmicas Bibliográficas.....	49
8 Gestão Administrativa, Interlocuções e Contribuições Institucionais.....	53
9 Observações Finais	61

“.. A mudança não acontecerá se nós
esperarmos por outra pessoa ou se
esperarmos por algum outro momento.
Nós somos as pessoas
pelos quais esperávamos.
Nós somos a mudança que buscamos..”

Barack Obama

1 Apresentação

O presente Memorial Acadêmico cumpre os requisitos da Resolução No.78/2014 do Conselho Universitário (CONSUNI) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) que regulamenta o processo de Promoção Docente para a Classe E (*Professor Titular*) da Carreira de Magistério Superior. É um trabalho narrativo de ações acadêmicas de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão Administrativa desenvolvida ao longo de quase quarenta anos de completa dedicação a duas universidades federais: **Universidade Federal de Pernambuco** (quatro anos) e **Universidade Federal de Alagoas** (trinta e cinco anos).

O memorial é norteado por narrativas de aprendizados junto ao corpo docente, discente, técnico-administrativo e uma multiplicidade de outras pessoas, constituindo-se numa rede de vivências, muitas delas dependendo de parcerias, cooperações e criatividade. Ao longo do texto há quadros, fotos, e documentos que marcaram minha caminhada nessas duas instituições federais. A **UFAL** possui um papel importante na minha vida, pois é nela que consolido minha carreira docente há mais de três décadas num regime de dedicação exclusiva (DE) sendo o centro de referência e preferência.

A **Universidade Federal de Alagoas** fundada em 1961 é uma Instituição de Ensino Superior, instalada no Campus A.C. Simões, localizada em Maceió, possuindo mais dois campi no interior do Estado: Campus Arapiraca e suas unidades em Viçosa, Penedo e Palmeira dos Índios e Campos do Sertão, com sede em Delmiro Gouveia, e unidades em Santana do Ipanema. Que orgulho tenho de ter participado desse momento histórico fazendo parte da **Comissão de Estudos Sobre a Interiorização** como representante do **Curso de Biologia** (licenciatura) que teve como coordenadores os seguintes professores: Rodrigo de Araújo Ramalho Filho (**Coordenação de Projetos Especiais/Reitoria**), Professora Maria das Graças

Tavares (**Pró-Reitora de Graduação-PROGRAD**), Professor José Geraldo da Cruz Gomes Ribeiro (**Coordenação Técnica de Ensino**), Professor Olival de Gusmão Freitas Júnior (**Coordenação de Planejamento e Desenvolvimento Universitário-PROPLAN**), Professor Paulo da Cruz Freire dos Santos (**Supervisão da Pesquisa de Campo**). Esses trabalharam foram desenvolvidos no período de 9 de agosto de 2005 a 7 de fevereiro de 2006.

A Universidade cresceu muito ao longo desses anos, tendo hoje cerca de 26 mil discentes matriculados nos **100** cursos presenciais de graduação, distribuídos em 23 Unidades Acadêmicas, na capital (**69**), e nos campi de Arapiraca (**23**) e do Sertão (**8**). Na modalidade de Educação a Distância (EAD), a UFAL possui **10** cursos em atividade e cerca de quatro mil graduandos. Na pós-graduação, são **39** programas *strictu sensu* oferecidos, sendo **30** mestrados e nove doutorados, que contam com cerca de **2.312** discentes, e **13** especializações. Atualmente, a universidade conta com **258** grupos de pesquisas, **1.125** linhas de pesquisa e **3.646** pesquisadores entre professores, técnicos e discentes. O quadro de pessoal apresenta aproximadamente **1.700**

servidores técnico-administrativos e **1.400** docentes, dos quais mais da metade são doutores¹.

O Curso de Ciências Biológicas do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, criado em 1974, foi onde vivenciei em salas de aula, nos laboratórios, nos projetos de extensão, na coordenação de curso e no Conselho da Unidade, todos esses processos de transformação dos conhecimentos e de envolvimento nas avaliações de colegas e técnicos administrativos bem como de acompanhamento de mobilidades nacionais e internacionais dos discentes.

Dessa forma esse **Memorial Circunstanciado**, de cunho subjetivo, está sendo uma oportunidade de realizar uma síntese da minha vida acadêmica, que retrata a minha evolução na forma de pensar o mundo indo de um modelo dito cartesiano, centrado na racionalidade e no cientificismo (**tempos da Zoologia**) para um modelo holístico, ecológico ou sistêmico onde a complexidade de Edgar Morin me possibilitou um aporte para uma mudança de incluir na “ciência objetiva” a “ciência epistêmica”.

O doutorado me despertou (em tempo!) para uma visão integradora dos conhecimentos dispersos nas ciências da natureza, nas ciências humanas e nas etnociências, e me fez colocar em evidência o elo indissolúvel entre a Unidade e a Diversidade de tudo que é humano sendo o ponto de virada para essa mudança de paradigma (**tempos da Etnoecologia**). Mas ainda era o começo da mudança, muita coisa ainda estava por vir.

Ao assumir cargos na gestão administrativa como os de: Chefe de Departamento (Zoologia), representante do Setor de Zoologia do Museu de História Natural e mais notadamente quando na função de Vice Coordenadora de Curso de graduação da Licenciatura em Biologia em 2005, quando participei quase que solitariamente, da mudança estrutural do curso que separou definitivamente as formações de bacharéis e licenciados em Ciências Biológicas e me levando para uma área que jamais planejei objetivamente chegar, a área da Educação. Nessa travessia vivi tempos de tsunamis (**tempos dos projetos integradores**) e tempos de calmarias (**tempo das práticas pedagógicas**) tempos esses que me possibilitaram aprendizagens importantes e fundamentais tais como: “**aprender a conhecer**”, “**aprender a fazer**”, “**aprender a viver juntos**” e por fim o “**aprender a ser**”, pilares fundamentais da educação preconizados por Jacques Delors.



Esse Memorial Circunstanciado são recortes de uma memória individual que retrata vivências coletivas com lacunas típicas decorrentes de lapsos na memória e de documentos não resgatados, mas foquei nos principais fios que teceram minha atuação considerada mais relevantes.

Dos diversos memoriais acadêmicos que tive acesso a leitura e consulta relacionado à Promoção para Professor Titular, foi em um deles, o do Professor Pedro Nunes Filho, da Universidade Federal da Paraíba, que encontrei algumas questões sobre o perfil de um docente para conquistar a titularidade:

¹ <https://ufal.br/ufal/institucional/apresentacao>

- **Atuação com ética em todas as instâncias da vida acadêmica;**
- **Dedicação profissional no trabalho acadêmico;**
- **Atuação direcionada para a excelência do Ensino, Pesquisa e Extensão;**
- **Liderança com reconhecimento pelos pares;**
- **Trânsito e inserção internacional;**
- **Capacidade de coordenar grupos de pesquisa e criar novas linhas de pesquisa;**
- **Capacidade de articular parcerias, intercâmbios e convênios;**
- **Produção acadêmica de qualidade;**
- **Participação na administração universitária ao longo da carreira;**
- **Formação completa na sua área de conhecimento.**

Considero, de forma bem humilde, que sem pensar na titularidade sempre atuei ao longo da minha vida acadêmica empenhada e procurando atingir vários requisitos acima. Minha promoção vem como consequência de toda uma vida dedicada a fazer da universidade um espaço de formação plural e democrático, participativo e mesmo estando em um ambiente hierárquico repleto de contradições e conflitos de várias ordens, infraestrutura, interpessoais entre discentes, docentes e servidores técnico-administrativo, mas foi nela que busquei pautar uma vida acadêmica alegre, cooperativa e, sobretudo na busca de soluções menos burocratizadas e mais humanizadas.

Agradeço ao Professor Dr. Francisco José Abílio Pegado, da Universidade Federal da Paraíba e a Profa. Dra. Cláudia Maria Lins Calheiros da Universidade Federal de Alagoas, pelas indicações de membros da Banca Examinadora. A prof^a Edma Carvalho de Miranda, colega-amiga e amiga-colega pela valiosa ajuda na sistematização e organização dos documentos e, sobretudo pela parceria ao longo dessa minha trajetória acadêmica.

A todos os amigos-colega e colegas-amigo do Setor de Práticas Pedagógicas com quem divido o convívio diário e apoio incondicional. A professora Lilian Carmen e o professor Saulo Verçosa que ao assumirem a Coordenação do Curso de Licenciatura possibilitaram minha dedicação total a esse momento tão importante na minha vida acadêmica. As Professoras Danielle Araújo (inclusive a Laila) e Giana Raquel Rosa e o Professor Aleilson Rodrigues por compartilharam seu tempo e apoio literal nessa fase final. E também agradeço ao discente Edésio Antônio Ferreira dos Santos, do curso de licenciatura em Ciências Biológicas por sua disponibilidade em atualizar meu Currículo Lattes com o prazer e o ato de sentir-se vinculado e comprometido com *o aprender a viver juntos*.

Ao Professor Olagide de Castro do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da UFAL por se antecipar a leitura da minha vontade em produzir um memorial “bem editado” e ter me apresentado ao Thalys Wanderley Alencar que foi um parceiro para concretização desse desejo.

Referências

Delors, Jacques. **Educação: Um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez,2012

Nunes Filho, Pedro. **Memorial Descritivo Circunstanciado, Progressão Funcional Professor Associado, Nível IV, Classe D, para Classe E, Professor Titular**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015.

MORIN, Edgar. **Chorar, Amar, Rir, Compreender**. São Paulo: Edições SESC,2012.

“Queriam que ela
fosse do lar,
mas ela era do ler,
com essa liberdade,
ela era de onde
quisesse ser.”

Allê Barbosa

2 Percursos e relatos de uma caminhada em direção à vida acadêmica na UFAL

O Memorial é um exercício de memória autobiográfica descritiva e analítica que movimenta o ato de pensar associado ao pensamento reflexivo tratando de um pensamento correlacionado ao conhecimento das partes associada ao todo e um pensamento que articula com o conhecimento do todo que remete as partes (MORIN, 2010).

É impossível fazer um Memorial acadêmico sem narrativas das nossas origens, sem uma parte da nossa autobiografia. A gente se faz num coletivo que se inicia com a família como centro de referência e preferência, aquela que nos apresenta o mundo e sempre está por perto quando mais precisamos. Pelo menos sempre foi assim com a minha.

Minha mãe, Lacy Correia Silva, natural de Arapiraca era filha de Lino de Paula Magalhães e Angelina Correia, família co-fundadoras da cidade e responsáveis direto pelo plantio do fumo que marca toda história do desenvolvimento econômico desse município. Foi um ser humano de uma força impressionante, e que nas adversidades sempre encontrava caminhos pra seguir em frente. No entanto, tínhamos visões de mundo bem diferentes, ela sempre do lar e solidária com o crescimento do meu pai na sociedade arapiraquense, trabalhando junto com ele para alcançar o sonho de educar os filhos nas melhores escolas.

Meu pai, João Antônio da Silva, um pernambucano de Cupira que chegou a Arapiraca aos 17 anos de idade em busca de trabalho e sustento junto com os irmãos órfãos de mãe e o pai com sua nova família. Ao encontrar Lacy, encontrou sua cara metade e assim constituíram uma família com duas filhas, as primeiras (Severina e Sineide) e na sequência os quatro filhos Antônio (José, Josival, Jailton e Jailson). Em 1979 adotaram uma filha exatamente quando fiz quinze anos, que veio a ser minha irmã Mônica.

Meus pais não concluíram o ginásio, mas decidiram que todos os filhos teriam acesso aos “estudos” custasse o que custasse. E assim trabalharam a vida inteira para que todos tivessem acesso ao Ensino Médio e quem sabe o Ensino Superior. Meu pai foi um verdadeiro empreendedor, pois conseguiu ser bem sucedido no comércio de estivas, começando com uma bodega, depois armazém, supermercado e até uma indústria de beneficiamento de arroz. Era um homem do diálogo, do ouvir e foi com ele que comecei a me libertar das amarras do “**ser do lar**” para “**ser do ler**” pensando que eram excludentes, mas hoje sei do quanto estava enganada, pois descobri que são processos que podem se entrelaçar confusamente numa profunda dualidade (BUBER, 2001).

Dessa forma, estudei em Arapiraca, o primário e ginásio no Colégio Normal São Francisco de Assis, do qual cheguei a ser aluna em regime de internato. As freiras franciscanas marcaram muito a minha vida, pois foi lá que encontrei espaço para uma formação mais humanizada que não incluía só o estudar, mas o de participar efetivamente da vida cotidiana da escola. Nesse colégio vivenciei minha primeira tragédia, com sete anos de idade; foi em um passeio à cidade

de Coruripe (Al) organizado pelas freiras para o encerramento da “cruzada infantil” (preparatório para a primeira comunhão) que se deu a “tragédia” dos cinco afogamentos das crianças, com morte, inclusive de uma amiguinha chamada “Sineide” e de uma prima-irmã, Rosinéa Magalhaes. Esse fato marcou por muito tempo minha vida e a minha relação com o mar nunca mais foi à mesma.

Os estudos sempre foram minha prioridade, e ainda em Arapiraca mesmo quando minha mãe acreditava que estava me preparando para as “**prendas domesticas**” eu encontrava um jeitinho de fugir desse destino e com aval do meu pai fazia curso de datilografia com duração de seis meses que foi decisivo para aquisição do meu primeiro emprego como arquivista do Tribunal de Justiça de Pernambuco e hoje ainda exibo essas habilidades ao digitar textos sem olhar pra o teclado.

Foi em Maceió, que iniciei meus estudos no curso **Científico** inicialmente em 1970 fiz o 1º. Ano Científico, em regime de internato no Colégio Santíssimo Sacramento, escola particular religiosa e as outras duas séries (2º. e 3º.anos) em escola pública renomada Colégio Estadual Moreira e Silva (1971 e 1972) do Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas. As escolas públicas nesse tempo eram referências na formação e não era fácil conseguir vagas, foi por intermédio de um amigo que consegui a sonhada entrada no Colégio Moreira e Silva. A professora de biologia Maria das Graças, ou a Gracinha foi a primeira pessoa que me despertou pelo “gostar da biologia” e tempos depois a reencontrei como docente no Centro de Ciências Biológicas.



No entanto, vale ressaltar que foi frequentando o Cursinho pré-vestibular da matéria Biologia ministrada pelo **professor José Geraldo Wanderley Marques** que vivi (inconscientemente) o encantamento pelo ensino. A paixão pela biologia e sua forma peculiar de repassar os conhecimentos nos mantinham interessados em buscar sempre mais conhecimentos. Ele foi com certeza a pessoa que mais me influenciou na busca de uma vida acadêmica.

Ao terminar o ensino científico em Maceió, tomei uma decisão que marcou muito minha trajetória acadêmica, a de fazer vestibular em Recife, pois teria possibilidades de fazer “medicina” na Universidade Federal de Pernambuco, na Escola Ciências Médicas e Biologia na Universidade Católica de Pernambuco, isso tudo ao mesmo tempo. Essa decisão foi junto com um grupo de amigas que acenaram ser o melhor caminho. E assim mais uma vez contei com o apoio incondicional de meu pai que assinou um documento autorizando sua filha de menor (17 anos) permanecer em Recife por tempo indeterminado.

Assim, como não passei em medicina, dei início ao Curso de graduação em biologia, licenciatura na Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP e nunca mais cogitei fazer medicina tendo meus pais acatado a minha decisão assumindo o financiamento do curso. Na verdade eu nem sabia direito o que era ser professor do ensino médio, apenas sonhava em ser bióloga, mas sabia que os três anos de estudos na Aliança Francesa de Recife (1973 a 1975) me levaria um dia para a França, esse lugar que consolidaria minha iniciação nas pesquisas sobre a fisiologia

da muda nos crustáceos.

Entrei na UNICAP em 1973 e após cursar sete períodos letivos vim a colar grau em 09 de agosto de 1976. Nesse período de graduação participei de vários congressos na área da ecologia sendo fortemente influenciada pela ecologia do **Professor Vasconcelos Sobrinho** considerado o pioneiro na área dos estudos ambientais no Brasil e uma autoridade na ecologia. Foi um dos fundadores da Universidade Federal Rural de Pernambuco onde introduziu a disciplina “Ecologia Conservacionista”, além de ter criado o Jardim Zoobotânico de Dois Irmãos e a Estação Ecológica de Taparucá. Fui sua tiete por muito tempo, uma seguidora que não perdia suas palestras em defesa do meio ambiente e sobre a desertificação que tratava de forma integrada todas as dimensões do ambiente além do catecismo da ecologia. Ele com certeza foi a ponte que me religou ao Professor José Geraldo Wanderley Marques quando retornei a Maceió.

Nesse tempo de graduação desenvolvi amizades importantes que perduram até hoje, com Silvia Portela, piauiense da gema, que na época trabalhava na Companhia de Saneamento de Pernambuco (COMPESA) e com Heliani Araújo oriunda da cidade de Ribeirão, cuja família grande me foi apresentada e com ela vivi momentos de muito afeto e carinho. Nesse período de quatro anos de graduação, minha convivência foi dividida entre aproximadamente três anos morando com grupos de amigos, os irmãos Lígia Maria e Luciano Silva (de Arapiraca) e Edilene Lima e Eva Medeiros (de Maceió) e depois com tio Geraldo e meus irmãos José Antonio e Josival que passaram a estudar ou trabalhar em Recife.

Como sempre estive preocupada em ter minha independência financeira fiz em 1974, concurso para o cargo de Encarregado do Arquivo do Tribunal de Justiça de Pernambuco assumindo por um curto período enquanto aguardava oportunidade para ser bolsista de projeto de pesquisa. E aí, se inicia minha relação com a Universidade Federal de Pernambuco, mais especificamente com o Departamento de Oceanografia, quando em setembro de 1975, participei de um curso de atualização em Carcinologia (juntamente com a Profa. Tereza Cristina dos Santos Calado) coordenado pelos professores Dr. Petronio Alves Coelho da UFPE e Dra. Marilena Ramos Porto, do Departamento de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Essa minha trajetória em direção a vida acadêmica, sobretudo o tempo que permaneci vinculada ao Departamento de Oceanografia, inicialmente como bolsista (setembro/75 a dezembro/76) e posteriormente como Pesquisador Assistente “B” (janeiro de 1977 até 28 de fevereiro de 1981) pode ser considerado um dos períodos mais efervescentes da minha vida. Foi na condição de **Pesquisadora** que permaneci por quase quatro anos na Universidade Federal de Pernambuco por essa razão dediquei um capítulo especial nesse meu Memorial dada à relevância para minha formação acadêmica.

A vida é na sua essência uma incógnita quando pensamos que sabemos de tudo, o inesperado ocorre e foi exatamente no dia **19 de outubro de 1981** as 19 horas que mais uma tragédia se abateu sobre minha família e que marcaria para sempre nossas vidas. Meu pai perdeu a vida de forma brutal, um tiro atravessou seu peito e o levou para sempre aos cinquenta anos. Esse momento foi avassalador para mim e toda a família e me levou a buscar forças de onde eu jamais imaginava que tivesse. Eu tinha que sobreviver a essa *tsunami*, tive que me reinventar e

a partir desse momento o **Ser na vida** passou a **Ser professora da Universidade Federal de Alagoas**.

De fato meu ingresso oficial na Universidade Federal de Alagoas, ocorreu no período de 01 de abril a 31 de dezembro de 1983, em caráter excepcional, como Professo Horista, para exercer as atividades eventuais de Magistério Superior da disciplina Zoologia do Departamento de Biologia. Isso enquanto aguardava a contratação do concurso que só efetivou em abril de 1984.

Nesses quase três anos de espera para realização do concurso, participei do Curso de Especialização em Oceanografia da Universidade Federal de Pernambuco (06 de outubro a 30 de dezembro de 1980) e do III Curso de Especial de Sistemática Zoológica, na Universidade Federal de São Carlos (01 de agosto a novembro de 1982), o que serviu como preparatório para aprimorar os conhecimentos zoológicos.

Em julho de 1980 estava na França iniciando pesquisas sobre a influência do barulho na duração do ciclo de muda de camarões, a convite dos pesquisadores Jean Paul Lagardère, da Universidade de Aix Marseille e Michèle Regnault da Estação Biológica de Roscoff, quando tive que voltar imediatamente para o Brasil afim de participar do concurso para Auxiliar de Ensino (Edital No.03/80-CCBi) em julho de 1980. Fiz e fui aprovada juntamente com o professor Eurípedes Alves Silva Filho e as professoras Maria de Fátima Pereira de Sá e Gilda Acioli da Silva. Como o governo federal extinguiu a carreira de Auxiliar de Ensino e criou a de Professor Auxiliar, esse concurso foi anulado e os professores horistas contratados levando um tempo para que o novo concurso ocorresse, apenas no segundo semestre de 1983.

Antes de ser contratada como professora da Ufal, em abril de 1983 o Núcleo de Ciências do Mar -NECIMAR da UFAL, me contratou para trabalhar em projetos e foi lá que conheci a Prof^a Dra. Maria de Fátima Pereira de Sá que se tornou mais tarde uma amiga-irmã e irmã-amiga até os dias de hoje.

É em agosto de 83 (Edital No. 03/83) que sai a publicação dos aprovados para o Setor de Estudo Zoologia, além de mim, estavam na lista: a professora Sonia Godoy Bueno Carvalho Lopes, autora de livros de Biologia para o Ensino Médio; a professora Iracilda Maria de Moura Lima Rocha, minha colega-amiga e amiga-colega de Departamento desde então, e atualmente Diretora do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde; o professor Eurípedes Alves da Silva Filho que posteriormente fez outro concurso para o Setor de Genética do CCBi e o biólogo, Carlos Souza Silva funcionário do Laboratório de Ciências do Mar-Labmar da Ufal.

Na verdade, o concurso para Zoologia, continha 20 pontos tratando da zoologia dos invertebrados e vertebrados e o último ponto sobre a evolução do homem. Redigi todos os pontos e realizei gravação para ficar ouvindo repetidamente. Queria fazer uma boa prova escrita e precisava ter em mente uma síntese de cada ponto. E me sentia comprometida com meu pai a passar nesse concurso, pois sabia o quanto lhe orgulhava ter uma filha professora da Universidade.

Desse concurso lembro perfeitamente, do ponto da prova escrita (Filo Porífera) e como eram muitos concorrentes para prova didática ficamos divididos em grupos. O ponto sorteado

do meu grupo foi Aves e jamais me esquecerei da pessoa que foi responsável literalmente pela minha performance na aula didática, **o professor José Geraldo Wanderley Marques**. Fiquei horas, exaustivamente repetindo a aula para ele, e como esquecer a pena de macuco que ele carinhosamente me deu (significa sorte) para iniciar a aula apresentando-a como característica básica do grupo, isto tudo ao som da vitrola tocando o canto das aves sinfonia das aves brasileiras (Johan Dalgas Frich).

Foi assim que ingressei no ensino do Magistério Superior da Universidade Federal de Alagoas. E a vida continua nos reservando surpresas e quem diria que um dia o **Professor José Geraldo Wanderley Marques** fosse se tornasse meu colega e amigo por muitos anos e até meu padrinho de casamento e mais ainda que eu tenha sido a sua primeira orientanda de doutorado da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar.

Referências:

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001

MORIN, Edgar. **Meu caminho**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

“...A história de um rio é a história da relação
da sociedade com seu ambiente...”

Norma Felicidade

3 O começo de tudo quando tudo ainda estava por vir a ser

O processo de formação acadêmica na UFPE Universidade Federal de Pernambuco

O Departamento de Oceanografia da UFPE foi onde iniciei minha formação acadêmica propriamente dita quando em 1975 participei do curso de atualização em Carcinologia e fui selecionada pelos coordenadores, Dr. Petronio Alves Coelho e Dra. Marilena Ramos Porto, para compor junto a uma equipe pelo menos dez bolsistas do projeto sobre a biologia dos camarões de água doce do Brasil. Esse projeto visava estudos sobre tecnologias adequadas para a carcinicultura. Nas minhas leituras de revisão da literatura me apaixonei pela **fisiologia da muda dos crustáceos** cujos textos na maioria eram em francês e como me dedicava ao estudo dessa língua tudo parecia fácil.

Foi um convívio intenso com colegas e pesquisadores do Departamento de Oceanografia na praia de Piedade, lado oposto da cidade universitária, e foi nesse espaço acadêmico que dei início a minha formação científica **nacional** (setembro de 1975 a setembro de 1978) e **internacional** (outubro de 1978 a setembro de 1979) quando minha bolsa de estágio na França foi aprovada pelo Consulado Geral da França em Recife. Na volta do estágio, permaneci como Pesquisadora desse Departamento até fevereiro de 1981.

Ao me candidatar a uma bolsa na França, me inscrevi informando que faria estágio com o Pesquisador Pierre Drach da Universidade Paris VI, pois ele era a referência para os estudos sobre “muda nos crustáceos” e desenvolveria um projeto sobre rações para camarões no Centro de Oceanologia da Bretanha uma vez que o Departamento de Oceanografia tinha interesse nessa linha de pesquisa.

Pierre Drach era um pesquisador já aposentado (mais de 70 anos) que continuava com suas pesquisas no laboratório Arago localizado em Banyuls-Sur-Mer, sul da França do qual foi Diretor por mais de vinte anos. Esse pesquisador foi quem descreveu pela primeira vez, em 1939, o ciclo da muda em Crustáceo e formador de muitas gerações na área. Quando recebi em 25 de novembro de 1977 a carta da Embaixada da França no Brasil informando que minha bolsa estava parcialmente aprovada e que precisaria de um aceite do possível orientador entrei em desespero, pois jamais havia encaminhado o pedido e não acreditava ser possível a obtenção de tal bolsa. Outra questão importante a considerar era que eu não sabia quase nada sobre o assunto uma vez que esse não era objeto da minha pesquisa no projeto da carcinicultura.

Para resolver essas duas situações, tomei duas iniciativas que considero relevantes aqui relatar. Primeiramente precisava de ajuda para fazer esse documento em um “*francês preciso*” que levasse meu futuro orientador a responder imediatamente o meu pedido. Assim me dirigi a Aliança Francesa em dezembro de 1977 para solicitar do meu professor de francês ajuda para escrever a tal carta. E, de fato a ideia foi boa, pois a resposta veio em tempo suficiente

(06/01/1978) para encaminhar tal aceite ao consulado. Em maio de 1978 recebi o atestado do Consulado Frances confirmando a aprovação da bolsa e informando que eu teria uma mensalidade de mil e cem francos e mais uma ajuda para alojamento de aproximadamente 200 francos. Apenas a passagem de volta França-Brasil ficaria ao cargo do Governo Francês, eu teria que financiar a ida.

A segunda iniciativa foi escrever para o Dr. G.C. Genofre Netto, do Instituto de Biociências da USP, especialista no Brasil na área da fisiologia da muda, solicitando um estágio no seu laboratório, pois não poderia pensar de ir para França sem a menor noção de como trabalhar com a identificação dos estádios de muda. Com o pedido atendido, fui para São Paulo onde permaneci o mês inteiro de agosto de 1978 no laboratório de fisiologia. Infelizmente, não foi possível aprender a reconhecer os estádios de muda na prática, pois no laboratório só me ofereciam publicações sobre o tema.

Ao chegar a Paris no início de outubro me dirigi a Universidade Paris VI para me apresentar ao Sr. Drach e acertar minha ida para o laboratório no sul da França. Ao me apresentar no seu gabinete, levei comigo um “pescador de barro” como presente e isto o deixou muito contente. Ao me solicitar o currículo, provavelmente para saber o que eu tinha publicado a respeito do assunto, tomei a decisão mais certa rápida de informar que não tinha currículo e que havia acabado de terminar minha graduação estando ali cheia de vontade para aprender a identificar os estádios de muda dos crustáceos, pois havia lido muitas publicações a respeito. Essa minha atitude foi determinante para que tivesse durante os oito meses de estágio no Laboratório Arago, toda a orientação necessária ao aprendizado de diferentes técnicas incluindo a de identificação dos estádios de intermuda. Tenho um orgulho enorme de ter sido sua última estagiária e de ter sido reconhecida como tal por colegas da Universidade de São Paulo e que tudo que aprendi com ele compartilhei com pesquisadores na França (Michèle Regnault) e no Brasil (Rosa Leonel).

Minha determinação e vontade de aproveitar o máximo minha estadia na França como bolsista do governo francês me levou a lugares inimagináveis (Quadro 1). Vivi uma fase do se arriscar ao novo, por isso sem pensar duas vezes aceitei o convite para participar de uma campanha no Canal da Mancha com objetivo de estudar a ecologia do zooplâncton e do fitoplâncton mesmo sem nunca ter embarcado em nenhum navio no Brasil quanto mais na França. Foi uma situação inusitada, pois todos acreditavam que eu era experiente, mas o balanço do mar nos primeiros dias me levou a ficar confinada na cabine sem a menor condição de ficar em pé. Fui ajudada por uma francesa que me medicou e consegui sobreviver os quase quinze dias no mar tenebroso do Canal da Mancha.

Minha estadia na Estação de Roscoff já estava prevista no entanto consegui incluir mais dois estágios, no Centro de Oceanologia da Bretanha, e no Centro de Fisiologia dos Invertebrados oportunidades que não deixei escapar e que muito me ajudaram muito quando retornei ao Brasil.

Tenho a certeza que foi graças a minha preparação acadêmica no Departamento de Oceanografia onde desenvolvi habilidades tanto para a pesquisa (elaboração de projetos e relatórios) quanto para produção científica (escrever resumos para eventos e apresentação oral nos congressos) pois não era assim fácil a vida de bolsista.

O trabalho publicado no Cahier de Biologie Marine foi resultado da minha dedicação integral ao trabalho proposto por minha orientadora Michele Regnault que apostou nos meus conhecimentos adquiridos recentemente sob a orientação do Dr. Drachy. Quando os resultados apontaram leituras diferentes da literatura e estando um dos autores na Estação de Roscoff, minha orientadora pediu para eu conversasse com ele sobre essa situação. Fiquei nervosa, mas como confiava nos meus dados, havia aprendido muito bem a identificar os estádios da muda com P.Drach, aceitei o desafio. Ao relatar o motivo do meu encontro ele foi logo apontando que meus dados estavam corretos, os deles é que estavam errados, pois ele só descobriu posteriormente.

Diversidade de atividades desenvolvidas na França durante o período de outubro de 1978 a setembro de 1979

Atividades realizadas na França | 1978 - 1979 |

<p> 10/1978 - 06/1979 Estágio no Laboratório Arago, Banyuls-sur-Mer sob a orientação de Dr. Pierre Drach</p>	<p>Relatório publicado em 1982 no Boletim de Ciências do Mar, da Ufal.</p>
<p> 18/05/1979 - 19/05/1979 Colóquio Internacional "Experimentação sobre organismos do mar criados em laboratório"</p>	<p>Foi nesse Colóquio que conheci a profa Dra. Sônia Lopes, da USP e autora de livros de Biologia e que concorreu comigo no concurso da Ufal de 1983.</p>
<p> 12/06/1979 - 23/06/1979 Campanha "ECOMANCHEII, a bord do N/O Cryos</p>	<p>Minha primeira experiência na vida em ser embarcada no mar.</p>
<p> 01/07/1979 - 14/08/1979 Estágio na Estação Biológica de Roscoff, França sob orientação da Dra. M. Regnault</p>	<p>Resultados da pesquisa foram publicados no periódico Cahiers de Biologie Marine Tome XXI, 1980, pp.279-286</p>
<p> 15/08/1979 - 30/08/1979 Estágio no Centro de Oceanologia da Bretanha</p>	<p>Produção de uma ração especial para o cultivo de camarões de água doce</p>
<p> 10/09/1979 - 25/09/1979 Estágio sobre osmorregulação no Centro de Fisiologia dos Invertebrados, Universidade de Ciências e Técnicas de Languedoc, Montpellier, França</p>	<p>Esse estágio me deu suporte para fazer o mestrado em João Pessoa nessa área</p>

Durante o período de um ano em que fiquei na França, continuei como Pesquisadora Assistente B do Departamento de Oceanografia graças a uma deliberação da gestão, no caso Prof.

Lourinaldo Barreto Cavalcanti a quem sou muito grata por ter apostado na minha capacidade para a pesquisa e de compromisso em socializar os conhecimentos adquiridos com toda a equipe do projeto. Por essa razão busquei o estagio no Laboratório de Oceanologia para fazer o curso de produção de ração, levando inclusive pacotes produzidos com essa finalidade de atender o cultivo de camarões de água doce.

Acredito que meu senso de responsabilidade, de compromisso com as pessoas e com as instituições por onde passei foram alimentados com base no respeito e sobretudo no reconhecimento de que o trabalho é um espaço de relacionamento onde as trocas são mútuas e produto do muito envolvimento.

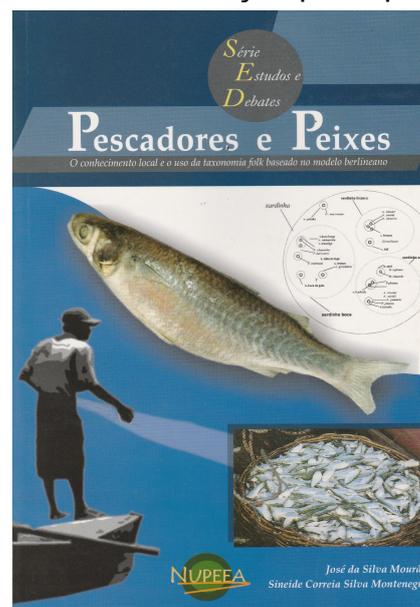
“Conhecer o humano é, antes de mais nada,
situá-lo no universo, e não separá-lo dele”.

Edgar Morin

4 Percursos da formação acadêmica: Pós-graduação

Minha iniciação na Pós-Graduação começa quando ainda na Universidade Federal de Pernambuco, em 1980 (06 de outubro a 30 de dezembro) fiz o Curso de Especialização em Oceanografia promovido pelo Departamento de Oceanografia no qual tive a oportunidade de ampliar horizontes na área da Oceanografia Biológica. O tempo de convivência com o grupo dos docentes (Professor Lourinaldo, Petronio, Enide, Maryse, Silvio, Zanon, Dilma, Paulo Nóbrega e Luna) e com os colegas do curso gerou vínculos de afeto e de sinalização para que investisse na formação acadêmica em termos de realização de um mestrado. Mas no caminho havia uma pedra. Eu não tinha ainda um emprego e a prioridade era estudar para concurso.

A área da Zoologia me atraía por essa razão resolvi me inscrever na seleção nacional para o III Curso Especial de Sistemática Zoológica (9 de agosto a 5 de novembro de 1982) realizado pela Universidade Federal de São Carlos. Fui selecionada e fiquei entusiasmada em ir passar um tempo fora de Alagoas, pois não conseguia superar a perda de meu pai. Assim, está longe parecia aliviar a dor, mas vi que carregamos conosco nossos sofrimentos e o melhor não é fugir e sim afirmar a vida pelo sofrimento como bem fala Nietzsche.



Nessa experiência de formação na **Pós Graduação lato sensu** tive a oportunidade de conhecer pessoas vindas de todos os cantos do Brasil, e de ter contato com docentes de disciplinas tais como: “Fundamentos Práticos de Taxonomia Zoológica” ministrada por Nelson Papavero, “Taxonomia Numérica” com Padre Moura e “Sistemática Filogenética” com Dalton de Souza Amorim que foram fundamentais para prosseguir na caminhada em direção a uma Pós-Graduação visando um melhor amadurecimento profissional para o exercício da docência na universidade.

A Ecologia foi outra área de conhecimento que investi fazendo cursos de pós-graduação *lato sensu* como o **Curso Modular de Ecologia Regional** promovido pelo Centro de Ciências de Alagoas (CECIAL) no período de setembro de 1983 a janeiro de 1984. Esse curso teve três módulos: I Fundamentos de Ecologia para realidade Nordestina, II- Ecologia do Nordeste e III- Educação Ambiental para realidade Nordestina. O coordenador do Curso foi o Professor José Geraldo Wanderely Marques do Programa de Extensão Ambiental (PEA-UFAL) que teve apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC–Regional/AI) e da Coordenação de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CDT-SEPLAN/AI). Foi ai que a semente dos conhecimentos ecológicos começaram a dialogar com os conhecimentos zoológicos e despertar (inconscientemente) para uma visão mais integradora dos saberes.

Realização do Mestrado na Universidade Federal da Paraíba- UFPb

Como já havia concretizado o sonho de ser professora universitária ingressando no Centro de Ciências Biológicas de abril de 1984, fui estimulada pela Professora Delza Gitai, na época acredito ser Diretora da Unidade, a sair para o Mestrado pois o CCBI precisava formar um grupo de professores pesquisadores com mestrado e doutorado para a implantação de cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Inclusive viajamos juntas para João Pessoa para participar de eventos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência quando tive a oportunidade de conhecer o Centro de Ciências Exatas e da Natureza – CCEN, mas especificamente o Departamento de Sistemática e Ecologia que tinha uma proposta de mestrado tendo a zoologia como área de concentração.

A seleção para o mestrado era uma verdadeira maratona, constava de prova escrita sobre Zoologia Geral 10 pontos sendo “os repteis” o sorteado por mim inclusive. O que fez com que uma candidata tivesse uma reação inusitada dando gritos e se dirigindo a mim para encher-me de beijos. Depois descobri que os repteis era seu objeto de pesquisa e esse momento foi apenas o início de uma linda minha amizade que perdura até hoje. Trata-se da professora Elisa Maria Freire Xavier, a quem só identifico por JuJu (como era chamada por todos no mestrado) e que posteriormente participou ativamente comigo da criação do Museu de História Natural e sendo inclusive minha colega de Departamento de Zoologia. Atualmente é professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Do ponto de vista pessoal, minha vida mudou completamente no mestrado, cheguei solteira e sai casada com duas filhas, uma nos créditos início de 1986 (**Angelina**) e a outra (**Mariana**), no início de 1989, por ocasião da defesa, além da dissertação. Foi literalmente o período mais fértil da minha vida. Não foi fácil conciliar a vida pessoal com a profissional, isso só ocorreu porque tive ao meu lado uma pessoa compreensiva e generosa que tomava para si as atividades “*do lar*” que eu na verdade tinha pouca intimidade.

Ser integrante da família **Montenegro** foi um dos maiores aprendizados da minha vida, enriqueci a minha capacidade de ação e de reflexão do **ser aprendente** (as filhas me despertaram para o amor incondicional) e desenvolvi parcerias (o esposo, a família, os amigos, os invisíveis) que me estimularam ao respeito mútuo e a solidariedade e principalmente a criar espaço acolhedor, desafiante e não competitivo buscando fazer um contínuo diálogo.

De fato foram quatro anos de inteiro convívio com o grupo de pesquisadores das várias áreas da zoologia (taxonomia, sistemática filogenética, ecologia, comportamento animal) e de colegas que muito me ensinaram a “**aprender a ser**” e a “**aprender juntos**”. E em especial com minha orientadora **Profa Dra. Rosa Maria da Veiga Leonel** que não mediu esforços para me ajudar a concluir as análises de “osmorregulação dos camarões” no laboratório de Fisiologia da Universidade de São Paulo para onde se transferiu na metade do meu mestrado. Enfim obtive com distinção o título de Mestre em Ciências Biológicas, Área de Concentração em **Zoologia** em 13 de fevereiro de 1989, exatamente quatorze dias antes de minha segunda filha nascer.

O meu ciclo de formação no mestrado foi decisivo e relevante em termos de amadureci-

mento acadêmico-profissional transformando a prática do meu trabalho acadêmico na Universidade Federal de Alagoas e estimulando a implantação de Curso de Especialização em Zoologia por ocasião do meu retorno. Nessa fase de formação ainda estava presa ao **paradigma da fragmentação** do conhecimento que ignora completamente a riqueza da multidimensionalidade, da consciência de uma identidade que fosse ao mesmo tempo biológica, psicológica e social (Morin, 2000). Nesse momento, não existia nenhuma possibilidade de compreender o mundo se não fosse por meio de uma visão da ciência cartesiana. O pensamento “dialógico” capaz de deixar fluir os contrários, que se complementam e se combatem ainda estavam por ser descobertos.

No entanto nem tudo estava tão disperso assim, pois foi no campus da Universidade Federal da Paraíba, que tive o primeiro contato com as ideias do novo paradigma da ciência lendo o texto “Pertencendo ao Universo” e assistindo o filme “ponto de mutação” de Fritjof Capra. O **paradigma científico, chamado de cartesiano** baseado na crença de que o conhecimento científico poderia alcançar a certeza absoluta e final estava sendo confrontado com novo **paradigma, chamado de holístico, de ecológico ou de sistêmico** (Capra, 2010).



Realização do Doutorado na Universidade Federal de São Carlos-UFSCar

Do meu retorno as atividades acadêmicas na Ufal, em fevereiro de 1989, após a temporada de quatro anos em João Pessoa passaram-se sete anos até que de fato me afastasse (1998) para realização do doutorado na Universidade Federal de São Carlos em uma área completamente diferente da minha formação, a área da “**etnoecologia**”.

A tese do professor Jose Geraldo W. Marques sobre os conhecimentos etnobiológicos e etnoecológicos dos pescadores do Complexo Lagunar Mundaú-Manguaba apresentada no Curso de Ecologia da Universidade de Campinas (1991) quebrando paradigmas do modelo cartesiano de fazer ciência sem a integração de outros saberes foi um referencial para formação acadêmica de muitos mestrandos e doutorandos do Brasil. Essa produção de conhecimentos foi compartilhada com seus colegas e alunos do Centro de Ciências Biológicas e do Museu de História Natural recém-criado tendo o laboratório de Etnoecologia abrigado muitos estagiários, e pesquisadores interessados na área.

Convivi nesse ambiente sem me envolver diretamente com as pesquisas desenvolvidas na Várzea da Marituba, (Penedo) considerada o pantanal alagoano cujos resultados deu origem ao livro Pescando pescadores publicado pelo NUPAB da USP (1992) e que descreve a “**etnoecologia abrangente**” como um campo de cruzamento de saberes que busca a integração entre a antropologia e a biologia tendo como base a análise de conexões que as populações fazem com o Mineral, o Vegetal, o Animal, o Sobrenatural e com seus congêneres.

O Museu de História Natural foi um excelente espaço para o desenvolvimento de novas ideias construtivas de uma ciência que incorpora outros saberes. O Professor Jose Geraldo

Wanderley Marques já apresentava as ideias da complexidade de Edgar Morin e as palestras da prof^a Nádia Amorim sobre “**saber científico e outras formas de conhecer**” foram essenciais para minha compreensão sobre princípios importantes como o da Complementariedade desenvolvido por Böhm, segundo o qual, “*sob diferentes condições experimentais, a matéria pode ser composta mais como onda ou mais como partícula, mas sempre como ambas as partes*”. Esse ambiente de efervescência muito me ajudou na consolidação de uma nova forma de ver o mundo, como dinâmico e relacional ao invés de mecânico e objetivo.

Foi nesse contexto que recebi da Profa Flavia Moura do Departamento de Botânica (minha ex aluna de graduação) o convite para irmos juntas fazer a seleção de doutorado na UFSCar, pois havia sido abertas vagas para área de etnoecologia e o Prof. José Geraldo Wanderley Marques estava credenciado no mestrado e dentro do prazo de dois anos no doutorado, e que já havia falado com o Professor Dr. Nivaldo Nordi do Laboratório de Ecologia Humana e o mesmo se dispôs a aceitar os orientandos do Prof. José Geraldo até sair o seu credenciamento. Não pensei duas vezes, por essa razão sou eternamente grata a professora Flavia por ter me incentivado e tomado todas as iniciativas para concretização desse sonho.

Com certeza a decisão de fazer o doutorado em São Carlos, em uma área considerada ainda não muito bem aceita pelos pares me instigava a buscar bases para compreensão desse novo olhar para a ciência. Assim embarquei nesse projeto com o apoio de toda a família (marido e as filhas pré-adolescentes) para viver não só a pós-graduação na universidade mas uma vida na sociedade são-carlense.

Inicialmente fiquei sob a orientação do Professor Dr. Nivaldo Nordi utilizando o Laboratório de Ecologia Humana onde recebi todo apoio e carinho para participar tanto das pesquisas como ajudar nas organizações de eventos. Assim participei do II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia realizado no período de 19 a 24 de julho de 1998 na UFSCar e organizado pelo Laboratório do professor Nivaldo Nordi. Foi um momento impar, pois tive a oportunidade de conhecer pesquisadores internacional e nacional da área e trocar ideias sobre o meu projeto de doutorado que ainda estava em construção. Mas foi na sala de aula, na disciplina de **Educação Ambiental** ministrada pela Profa. Dra. Michèle Sato que vivi a experiência mais rica em termos de formação acadêmica estilo “freiriana”. Ela lançou o desafio de unirmos a arte aos conhecimentos adquiridos na disciplina. Foi então que meu grupo liderado pelo colega Francisco José Abílio Pegado, nosso diretor de cena e narrador, propôs a realização de uma peça teatral que tratasse da defesa de uma Unidade de Conservação ameaçada pela construção de uma ponte que mudaria para sempre o destino dos moradores. A peça foi intitulada “**O pitaco é seu**” (parafraseando o “você decide” apresentado na globo pelo ator Tony Ramos). Nessa peça (quantos ensaios lá em casa!) eu representava uma marisqueira, a Flavia a dona de uma pensão, a Judite uma jornalista ambientalista, o Ethan, o arquiteto e o Schiavetti, o empresário, Inês, a sindicalista e a Vera, a espécie ameaçada. Que laboratório! Que espaço de relacionamentos e aprendizagens!

Fiz do meu doutorado um espaço de intensa busca crescimento pessoal e profissional onde tive a liberdade de buscar as formações que achasse necessária para melhorar meu desempenho acadêmico. Quando a Associação **Palas Athena do Brasil** anunciou que entre os

dias 8 e 10 de maio de 1998 ocorreria o workshop “**Antropologia Complexa e a Ética do futuro**” ministrado por **Edgar Morin** não perdi a chance de participar.

Outro evento que participei antes de obter o título de Doutora em Ciências foi o do I Curso de Direitos Humanos da UFSCar (março a julho de 2000) na qualidade de monitora e que me possibilitou ser também autora do capítulo 12 intitulado: *Limitações ao exercício da pesca artesanal: subsídios a uma proposta de extensão universitária em prol do direito ao trabalho no território das águas interiores* do livro **Caminhos da Cidadania: um percurso universitário em prol dos direitos humanos**, organizado pela Dra. Norma Felicidade e publicado pela EDUFSCAR em 2001. Com essa experiência desenvolvi a capacidade de articular parcerias (UFAL/UFSCar) e intercâmbios (proposta de Projeto Bi-lateral Brasil-Canadá) trazendo pesquisador do Canadá e a professora Norma Felicidade para conhecerem o Baixo São Francisco. Nessa ocasião fui indicada pelo Pró-reitor de extensão, professor Eduardo Silvio Sarmiento de Lyra a representar a UFAL no I Encontro Preparatório do Projeto “Pesca Interior no Brasil: Conservação e Gestão Participativa” ocorrido em Brasília no período de 18 a 19 de outubro de 2001.

Ainda tinha fôlego para embarcar em uma aventura do conhecimento e fiz questão de participar do Curso de Etnoecologia da Paisagem, ministrado pelo Prof. Dr. William Balée realizado no período de 04 a 13/7/2000. Esse curso trazia uma abordagem nova a Ecologia Histórica e foi decisivo para minha compreensão sobre “classificação *folk*” tema de um dos capítulos da minha tese.

A minha permanência em São Carlos foi quase integral vindo a Maceió apenas nas temporadas das coletas dos dados (duas vezes ao ano em temporadas de um mês) quando coletava dados junto aos pescadores do Baixo São Francisco (Entremontes, Piranhas, Traipu e Penedinho). Criar uma rede relacionamentos é decisivo para o sucesso de um trabalho de pesquisa, assim sempre contei com o apoio incondicional de duas pessoas muito importantes nessa fase: a Engenheira de Pesca, Maria do Socorro Caraciollo que me acolhia em Xingó (bairro de Piranhas) no Baixo São Francisco e a professora Maria de Fátima Pereira de Sá, minha amiga-colega do CCBI que me deu todo o suporte para viver em São Carlos.

Nessa experiência de formação do doutorado pude então começar a selecionar de forma crítica e acumular conhecimentos tão diversos que me causaram angustias e desesperos. E foi escrevendo o artigo para a minha qualificação que consegui sobreviver ao dilema do “*dualismo*” e da “*dualidade*” isto é consegui que o dualismo vê os pares como realidades justapostas, sem relação entre si, separando aquilo que, no concreto, vem juntos enquanto a dualidade, ao contrário, coloca **e** onde o dualismo coloca **ou**. Para mim era muito difícil integrar o conhecimento científico ao saberes dos pescadores fazendo com que eles dialogassem. Foi um processo difícil e prazeroso que culminou com a elaboração do artigo: “Contexto cultural, ecológico e econômico da produção e ocupação dos espaços de pesca pelos pescadores de pitu (*Macrobrachium carcinus*) em um trecho do baixo São Francisco, Alagoas-Brasil” apresentado na qualificação em março de 2001 e publicado na revista Interciência no mesmo ano.

Enfim foi no dia 15 de fevereiro de 2002 que fiz a defesa da minha tese para uma banca de cinco docentes, tendo como Presidente meu orientador Dr. José Geraldo Wanderley Marques,

e os dois doutores Nivaldo Nordi e Josimar Ribeiro de Almeida e as duas doutoras Haydée Torres de Oliveira e Alpina Begossi. Obtive conceito A (nota 10), ou seja, Excelente com distinção. Fazendo jus a toda minha dedicação profissional para produzir um trabalho acadêmico de qualidade.

Referências:

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 2010

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Art. 207. As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e da gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Constituição Federal Brasileira

5 Envolvimentos acadêmicos nas Práticas de ENSINO

Disciplinas lecionadas na Graduação e Pós-Graduação

A formação exigida para exercer o Magistério Superior na década de 80, quando entrei na Universidade Federal de Alagoas era ainda a de uma graduação na área de estudo. Com o passar do tempo, se estabeleceu cada vez mais em todas as áreas a exigência por uma formação **mais especialista** tendo como ponto de partida o doutoramento. Assim, entrar ainda hoje no Ensino Superior significa mergulhar no mundo da fragmentação onde a especialização dos saberes (mestrado ou doutorado) nos leva a práticas que não convergem para a **indissociabilidade** do ensino, da pesquisa e da extensão. Superar esse mundo fragmentado exige um olhar mais abrangente, sobretudo a uma articulação estreita dos saberes e capacidades.

Assim, dentro dessa lógica formativa fui incentivada a buscar o mestrado na área da Zoologia uma vez que fazia parte do Departamento de Zoologia. Antes de me afastar para o mestrado ministrei aulas práticas de Zoologia Geral para o Curso de Agronomia e Zoologia para o de Biologia. Assim foi nesse período que dediquei ao exercício de uma docência voltada unicamente para **passar os conteúdos** em sala de aula (Zoologia Geral, Zoologia dos Invertebrados, PMZ – Princípios e Métodos em Zoologia) afinal acreditava piamente que **ser um bom professor era apenas transmitir conhecimentos**, ou seja, era um gesto unilateral de quem detinha o conhecimento que desencadeia o processo de aprendizado.

Conviver e partilhar aulas com o Professor José Geraldo W. Marques foi uma experiência que me influenciou bastante na reflexão da minha prática de ensino e me levou em direção à outra docência, essa na perspectiva do pensador Paulo Freire que afirmava “**não existe docência sem discência, SER docente e SER discente integram o universo complexo das práticas de ensino interligadas à pesquisa e extensão**”.

A minha primeira experiência na compreensão de outra prática de ensino ocorreu em 2002, quando ao assumir sozinha a responsabilidade de ministrar “**Estágio Curricular**” para os discentes do bacharelado. Essa disciplina tinha como objetivo proporcionar aos estudantes momentos para efetivação profissional e reflexão sobre a atuação do biólogo, analisando e construindo com senso crítico a sua ação com consciência, qualidade na aprendizagem e treinamento significativo. Nesse momento já pensava o estágio na sua dimensão formadora social, numa relação de teoria e prática.

Para essa turma foi proposta a elaboração de um projeto intitulado: “**Projeto Agenda 21: Gestão da Praça da Faculdade**”. Foi uma experiência ímpar repleta de desafios bem diferentes, pois me colocava em outro movimento o de **aprender juntos**. Ao todo eram 19 discentes que aceitaram embarcar junto comigo nesse processo de construir juntos os conhecimentos. Formaram comissões para conduzir os trabalhos, fizeram diagnóstico socioambiental da Praça (identificando as principais questões históricas, ecológicas, sociais, econômicas e políticas) bus-

cando inclusive o envolvimento de instituições municipais e estaduais. Tudo girava em torno de uma maquete da Praça que eles construíram como forma dar visibilidade aos conhecimentos que estavam sendo produzidos por todos. Eles teriam que fazer planos de ação integrada contemplando as demandas, priorizando residentes fixos, crianças de rua e a escola, o projeto tinha que ser inclusivo. Foi uma experiência maravilhosa que ainda hoje guardo na memória com absoluta clareza dos passos dados e com uma alegria promovida pelo **“fazer juntos”**. Tenho certeza que foi ai que comecei a entender o significado da **indissociabilidade** do Ensino, Pesquisa e Extensão.

A partir de 2006, quando comecei a dividir a disciplina **Ecologia e Meio Ambiente** com a Profa Dra. Liriane Monte Freitas para o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e **Ecologia** (2008) para Engenharia Ambiental, pude então me afastar um pouco do domínio da fragmentação do conhecimento para ampliar meus conhecimentos em outras áreas de ensino. Ministrar aulas de Etnobiologia e Etnoecologia foi uma luz nesse meu processo de busca por uma visão mais integradora de saberes. O Departamento de Zoologia já não existia mais passando então a ser denominado **“Setor de Biodiversidade e Ecologia”**.

No entanto, havia muito ainda a aprender, e foi com os **“Projetos Integradores”** inseridos na matriz curricular de 2006 destinados a cumprir parcialmente a carga horária da “prática como componente curricular” que de fato mergulhei no estudo da tal **interdisciplinaridade** que todos falavam que devíamos ter. Foi ministrando Projetos Integradores 1, Projetos Integradores 2, Projetos Integradores 4 e Projetos Integradores 7 que comecei a conceber uma *práxis* educativa envolvendo ensino-pesquisa e ensino-extensão. Nesta perspectiva incorporei à dimensão prática a dimensão reflexiva e as leituras sobre o que é interdisciplinaridade da Ivanir Fazenda.

Esse processo de imersão me levou, em 2008, a criar o **Setor de Práticas Pedagógicas** no Instituto de Ciências Biológicas para abrigar docentes com mestrado e doutorado na área da Educação que assumissem disciplinas relacionadas com ser professor de ciências e biologia. Dessa forma, sem ministrar mais a “zoologia”, iniciei um processo de transferência para outros colegas da disciplina Ecologia e Meio Ambiente assumindo a **Educação Ambiental** e algumas relacionadas com esse novo Setor, disciplinas tais como: **“Pesquisa Educacional”**, **Estágio Supervisionado 1** - direcionado a espaços de formação não escolares e **Estágio Supervisionado 2** - direcionado as observações em espaços escolares da Educação Básica e Educação de Jovem e Adultos- EJA como impulsionadoras de novas parcerias e de espaço para continuar a refletir a minha prática docente sob outro olhar, agora o da dialógica de Paulo Freire. E evidentemente tive que articular e muitas vezes coordenar as ações de diversos Projetos Integradores descritos acima.

A disciplina **Educação Ambiental** tem me permitido estabelecer parcerias com o psicólogo Afonso Henrique Lisboa Fonseca, uma referência no Brasil na psicoterapia fenomenológico, existencial, dialógica para o desenvolvimento de uma Educação Ambiental integrada que utilize os conteúdos ligados à explicitação do sentido da existência humana (individual, sensibilidade pessoal e social) um campo de conhecimento necessário à formação de professores nas licenciaturas. Desde 2016 que venho investindo nessa área, participando de cursos de formação e

buscando referencial teórico para essas práticas nas filosofias do diálogo de Martin Buber e no existencialismo de Frederich Nietzsche. Nesse contexto já consegui articular para disciplina Educação Ambiental, o I seminário de ambiente, o ente e o presente: psicologia ambiental fenomenológico existencial dialógico para não psicólogos realizado no período de 28 a 29 de abril de 2015.

É nessa disciplina que dedico na **Unidade1: O ambiente somos nós! E quem sou eu na Educação Ambiental?** Espaços estes, para descobertas de quem somos (que paradigmas vivemos) e para onde queremos ir (novo paradigma) apresentando a visão da complexidade do Morin e fazendo releituras de valores. Para tal criei o projeto em sala de aula **“ICBS dos meus sonhos” e as “Pedras no caminho”** visando construir com eles um mundo possível a partir de ações individuais (participação efetiva) e coletiva (escolha de uma pedra para elaboração de ações coletivas). Para esse projeto fiz parceria com o Grupo **“ Escolha a Calma** de Maceió e venho promovendo oficinas de pertencimento e cuidado do ambiente.

Ainda com relação à disciplina **Educação Ambiental**, foi possível em 2016, realizar experiências exitosas no Ensino e Pesquisa os conceitos de Educação Ambiental dos discentes do bacharelado e licenciatura do curso de Ciências Biológicas da UFA foram submetidos ao Ciclo Hermenêutico-Dialético proposto pela professora Maria Marly Oliveira, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Os resultados dessa pesquisa realizada juntamente com a Prof^a Giana Raquel Rosa foram publicados em 2017 no livro **Experiências exitosas com Sequências Didático Interativo** da série Formação de Professores, volume IV, EDUFRPE organizado pela professora Marly que havia conhecido em 2015 durante o processo seletivo de concurso para o Setor de Práticas Pedagógicas.

Com relação às disciplinas lecionadas na **Pós-Graduação** foi primeiramente no Curso de Especialização em Zoologia que iniciei minhas experiências nessa área por pelo menos três anos (1993, 1994 e 1995) ministrando disciplinas “Coleta e Preparação de Invertebrados, Carcinologia e Artropodes Terrestres.

O PPRODEMA - Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente – foi o espaço extraordinário para minhas reflexões sobre **interdisciplinaridade, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade**. Vivi nele as experiências mais inusitadas e conflituosas do ponto de vista do que é ser professor. Desejosa por discentes “cabeça bem-feita” ao invés de “cabeça-cheia” (MORIN, 2000) tive que me reinventar, me desconstruir como professora de formação “bancária” preocupada apenas em repassar conteúdos para ser mediadora do conhecimento estimulando serem protagonistas de seus próprios conhecimentos. A questão ambiental era o lugar certo para essas discussões e o convívio com os colegas e os discentes foram altamente proveitosas para minha formação.

Os **Seminários Integradores** e outras disciplinas relacionadas com a proteção e conservação da biodiversidade (Conservação dos Recursos Naturais) fizeram parte do meu cotidiano acadêmico durante o período de 2004 a 2011. Foi nesse programa que desenvolvi um conhecimento bem mais abrangente sobre as questões ambientais incorporando na minha prática de ensino da graduação (Educação Ambiental) várias dinâmicas que desenvolvi com os discentes. Assim, a cada semestre venho retroalimentando esses conhecimentos por meio de eventos

como os da Exposição os **Grandes Ambientalistas: de Buda a Chico Mendes** que retratam a história do ambientalismo mundial, do Brasil e de Alagoas além de estimular os discentes ao debate do significado da globalização (documentário “A Globalização vista do lado de cá” sobre o grande geógrafo brasileiro Milton Santos) e compreensão dos fatos que marcaram os períodos da globalização contidos no livro “A natureza da globalização e a globalização da natureza” do Prof. Dr. Carlos Walter Porto Gonçalves da Universidade Federal Fluminense que tive o prazer de conhecer e dialogar sobre sua atuação no Fórum Social da ECO 92 no Rio de Janeiro.

<h2 style="text-align: center;">ATIVIDADES DE ENSINO</h2> <h3 style="text-align: center;">Disciplinas ministradas na graduação</h3> <h2 style="text-align: center;">Universidade Federal de Alagoas</h2>		
DISCIPLINA	ANO	CURSO
Princípios e Metodos em Zoologia-PMZ	2002	Curso de Biologia
Zoologia Geral	1983 1984	Curso de Biologia Curso de Agronomia
Zoologia dos Invertebrados (compartilhada)	2001 2002 2003 2004 2005	Curso de Biologia (Bacharelado e Licenciatura)
Estágio Curricular (compartilhada até 2004)	2003 2004 2005 2006 2007 2008 2009	Curso de Biologia (Bacharelado) Regime anual
Introdução ao estudo da Etnobiologia e Etnoecologia	2003 2004 2005	Curso de Biologia (Bacharelado e Licenciatura)
Ecologia e Meio Ambiente (compartilhada)	2006 2007 2008	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Ecologia	2008	Curso de Engenharia Ambiental
Bases para Educação Ambiental	2008 2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Educação Ambiental	2009 2010 2011 2012 2013 2014 2015 2016 2017 2018	Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas
Projetos Integradores 1	2006 2007 2008 2009 2010 2011	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Projetos Integradores 2	2014	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Projetos Integradores 4	2011 2012 2013 2014	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

Projetos Integradores 7	2016 2017	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Pesquisa Educacional	2013 2014	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Estágio Supervisionado 1	2013 2014	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Estágio Supervisionado 2	2015	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas
Etnobiologia	2011	Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

Orientação de Estágios Supervisionados

Os Estágios Supervisionados relacionados ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas diz respeito à articulação teoria e prática que permite ao discente uma vivência pedagógica no espaço em que irá futuramente atuar. O entendimento do nosso Setor das Práticas Pedagógicas era que às 400 horas fossem distribuídas assim: 100 horas em espaço não escolar (Estágio Supervisionado 1), 100 horas para observação nos espaços escolares do funcionamento do Ensino Médio, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos-EJA e Educação Especial (Estágio Supervisionado 2), 100 horas de intervenção no Ensino Fundamental e 100 horas de intervenção no Ensino Médio. Dessa forma, foi possível assumir a coordenação por vários anos dos Estágios Supervisionados 1 e dos Estágios Supervisionados 2 que muito me ajudaram a compreender o Museu de História Natural, a Usina Ciência, o Arboretum e as Organizações Não-Governamentais-ONG's como espaços educativos e importantes para formação dos nossos licenciados. E nesse contexto de novas leituras que dei conta do grande abismo que há entre nós docentes do Ensino Superior (formadores de professores) e realidade vivenciada pelos profissionais do ensino de Ciências e Biologia (nossos egressos).

No curso de bacharelado supervisionei discentes no Estágio Curricular Supervisionado orientando projetos de pesquisa na área da etnoecologia e etnobiologia junto com comunidades pesqueiras.

Orientação de Discentes na graduação e pós-graduação

Minhas orientações de Trabalho de Conclusão de Curso se deram no âmbito dos meus conhecimentos na área da Etnoecologia, na Educação Ambiental e na Educação seja no uso de jogos didáticos no Ensino de Ciências e Biologia ou na formação inicial dos egressos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Apenas, os que orientei a partir da matriz de 2006 é que constam do quadro que sistematizei. Evidentemente que muitos dos documentos que comprovariam orientações ainda realizadas no período do regime anual, lembro pelo menos de duas discentes, que marcaram muito minha trajetória na área do ensino da ligação entre desenvolvimento sustentável e comunidades tradicionais inclusive organizando oficinas sobre o tema no I Encontro de Estudantes de Biologia da UFAL –ENCONBIO. Jarine Reis e Cinyra França foram discentes que fizeram a diferença na minha vida, pois foram solidárias nas diversas ações de ensino, pesquisa e extensão. Atualmente trabalham com comunidades tradicionais, Jarine em

Manaus e Cinyra no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade- ICMBIO de Maceio, Al.

Minhas orientações na pós-graduação começaram ainda no Departamento de Zoologia quando oferecíamos curso em nível de pós-graduação *lato sensu*, Especialização em Zoologia, com aulas em período integral. O objetivo era capacitar docentes para o desenvolvimento de estudos e pesquisas na área da Zoologia fornecendo subsídios básicos para o conhecimento de métodos e técnicas utilizadas nas diversas áreas da Zoologia. O III Curso ocorreu no período de julho de 1995 a julho de 1996. Minhas duas orientações foram sobre pesca das “piciricas” na lagoa Mundaú-Manguaba e sobre o ciclo de muda nos crustáceos.

Um dos maiores aprendizados que tivemos nesse Curso de Especialização foi com relação ao conflito causado pela discordância de membros da banca em relação aos não aprovados. Havia o resultado que apontava nota abaixo de sete, portanto reprovados (ponto de vista técnico) defendido pela Professora JuJu, e o olhar educador (da aposta na transformação), professora Liriane, que alegava potencias dos discentes e que os mesmos não tiveram na sua formação esse conhecimento exigido na prova.

Ao buscar minha opinião sobre o fato, imediatamente me sensibilizei com os argumentos da professora Liriane cabendo a professora JuJu a tarefa de organizar um curso de nivelamento para os aprovados com a nota mínima. Assim com essa decisão possibilitamos a entrada de vários deles em cursos de mestrado e doutorado, sendo uma delas coordenadora de pós-graduação *stricto sensu*.

As minhas orientações no PRODEMA, foram diretas, no total de oito e algumas co-orientações que não consegui resgatar documentos para aqui relatar essas parcerias. A minha primeira orientanda foi à professora Gilda Acioli da Silva minha uma colega-amiga e amiga-colega do Departamento de Zoologia desenvolvendo estudos na Unidade de Conservação do Catolé e Fernão Velho em Maceió. As demais orientações foram em áreas diversas pois nesse espaço de formação lidávamos com discentes vindos de cursos de várias áreas (Agronomia, Veterinária, Comunicação e Pedagogia). Minha participação foi curta na pós-graduação de menos de uma década, ou seja, aproximadamente um quarto da minha vida acadêmica. Mas foi muito intensa.

ATIVIDADES DE ENSINO Orientações na graduação Universidade Federal de Alagoas	
1	Bruna Teixeira Jacinto. Programa de Rotulagem Ecológica para a Rede Hoteleira de Maceió. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, 2006
2	Thayse Ancila Maria de Melo Gomes. Educação Ambiental com “Espécies-bandeira” refletindo sobre campanha e projeto de conservação da natureza. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2013.

3	Aretha Alves da Cunha. Consumo X Educação Ambiental: uma questão escolar? Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2013.
4	Lidiane Ferreira Feitosa. Avaliar o uso de jogos didáticos no Ensino de Ciências e Biologia de Escolas Públicas de Maceió. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2014.
5	Iara Rosa do Nascimento. O contexto Etnobiológico da pesca dos crustáceos no município de Coqueiro Seco, Alagoas. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2014.
6	Angelica Kelly dos Santos Pimentel. Educação Ambiental nas Escolas de Maceió: Práticas, pessoas e pedras no caminho. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2015.
7	Diogo Cavalcanti Nascimento. Avaliação dos egressos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFAL à luz da formação inicial. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2016.
8	Islane Emília de Araújo Silva. A conexão homem/peixes nas barreiras de Coruripe –AL: Uma abordagem Etnoecológica. Curso de Ciências Biológicas- Bacharelado. 2017.
9	Magdally Costa Santos. O programa Água Doce PAD e seus projetos para ecodesenvolvimento no semiárido de Alagoas. 2017
10	Michelly Lais dos Santos Bomfim. Egressos do curso de Ciências Biológicas Licenciatura da UFAL: Uma análise sob o olhar da sua formação e atuação. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2018.
11	Thaynara Ingrid dos Santos. Os conhecimentos etnobiológicos e etnoecológicos dos pescadores do Pontal da Barra, Maceió, Alagoas. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2018.

ATIVIDADES DE ENSINO

Orientações na Pós Graduação

Universidade Federal de Alagoas

1	Maria do Socorro Barbosa Caraciolo. Pesca e alguns aspectos da estrutura populacional das “piciricas” (Crustacea-Decapoda) da Lagoa Manguaba, Marechal Deodoro, Alagoas. Especialização em Zoologia /CCBi/UFAL 1995
2	Maria Ivaneide Luz. Caracterização do ciclo de muda em Palemon pandaliformis STIMPSON,1871 (Crustacea-Decapoda) e frequência de seus estádios numa população natural da Lagoa Manguaba, Marechal Deodoro, Alagoas Especialização em Zoologia /CCBi/UFAL 1996
3	Ana Paula Santos Teixeira. Percepção Ambiental da Unidade de Conservação marinha Costa dos Corais por alunos de uma Instituição Escolar Pública do Município de Paripueira, Alagoas. Especialização em Biodiversidade e Manejo em Unidades de Conservação. CCBi/UFAL2008.
4	Cícera Betânia de Carvalho. A Pesca de Crustáceos do Manguezal da área de Proteção Ambiental de Santa Rita, Coqueiro Seco, Alagoas: análise das mudanças com enfoque na conservação ambiental. Especialização em Biodiversidade e Manejo em Unidades de Conservação. 2008.
5	Gilda Acioli da Silva. Unidade de Conservação como política de proteção à Biodiversidade: Caracterização perceptiva de grupos sócio-culturais do entorno a APA do Catolé e Fernão Velho, Estado de Alagoas. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2006
6	Verônica Peixoto de Albuquerque. A água utilizada para consumo humano no município de Atalaia, Alagoas: Uma análise de seu gerenciamento à Luz da Política de Saúde. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2007.
7	Waleska Dacal Reis. Discussão ambiental na rede de Ensino Fundamental no Município de Maceió-AL. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2007.
8	Rosana Coutinho Freire Silva. Análise dos efeitos sócio- ambientais da Carcinicultura Marinha no Município de Barra de Santo Antônio, estado de Alagoas. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2007.
9	José Lourenço de Oliveira. Da crise do setor fumageiro à diversificação produtiva em Arapiraca-AL: O projeto Cinturão Verde. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2007.

10	Roberta Maria Soares Rocha Silva. O Meio Ambiente na Imprensa Alagoana: Uma análise de conteúdo. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2007.
11	Leila Cláudia Martins de Mello. Conscientização ou conformidade ambiental no setor sucroalcooleiro alagoano? Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2010.
12	Dionári Sousa dos Santos. Maricultura no desenvolvimento local: desafios e oportunidades para a comunidade pesqueira da Palateia no Município de Barra de São Miguel-Alagoas. 2011

Participação em Bancas de Trabalho de Conclusão de Curso e Monitoria

As nossas atividades de Ensino nos levam a um cotidiano intenso com as nossas participações diretas em bancas de Trabalho de Conclusão de Curso onde temos a oportunidade de conhecer as pesquisas desenvolvidas por nossos colegas e contribuir com nossas observações para a formação de nossos discentes. As minhas participações ao longo desses anos foram bem maiores do que as que estão listadas nesse memorial.

As participações nas bancas de monitorias foram sempre demandadas como parte das nossas atividades de ensino. Assim ainda na época do Departamento de Zoologia e posteriormente no Setor da Biodiversidade e Ecologia participava das bancas de monitorias da área de invertebrados e no Setor de Práticas de Ensino de várias bancas para seleção de monitores de Estágios Supervisionados e Didática do Ensino de Ciências e Biologia.

ATIVIDADES DE ENSINO Participação em bancas de TCC Universidade Federal de Alagoas	
1	Sheyla Magalhães de Alencar Pereira. Conhecimento ecológico tradicional de pescadores artesanais na Praia de Garça Torta, Maceió, Alagoas. Curso de Ciências Biológicas. 2008.
2	Clarissa França Tavares de Souza. A construção de valores sócio-ambientais em crianças do Ensino Fundamental através de aulas práticas com a Lagarta-da-cidreira. 2008
3	Steves Lucas Barbosa. Levantamento de Biomphalaria – Molusca Gastro-poda hospedeiro do Schistosoma mansoni – em coleções hídricas localizadas na região norte de Maceió/AL. Curso de Ciências Biológicas. 2008.

4	Nilson Torres Soares Junior. A visão do sertão e da caatinga antes e após uma visita á cidade de Delmiro Gouveia: Uma experiência sobre avaliação de uma atividade no sítio arqueológico de Angiquinho , em 2010. Curso de Ciências Biológicas. 2010.
5	Felipe de Barros Tavares e Rafael Fernando da Silva. O ensino de ciências através de metodologias alternativas: Contribuições para o ensino aprendizagem . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2012.
6	Caio Rodrigo Moura Santos e Luis Gostav Enders de Albuquerque. O nível de conhecimentos científico de alunos no Ensino Fundamental . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2013.
7	Adriana Porto da Silva e Sharlene Regina Silva Souza. Uma revisão sobre a presença do Ascaris lumbricoides (L.1771) e Trichuris trichiura (L. 1758) em escolares e determinações de suas cargas parasitárias pela técnica de Kto-Katz . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2013.
8	Douglas Carvalho de Amorim. CINENEM: A utilização de vídeos como recurso didático pedagógico no PIBID Biologia da UFAL . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2014.
9	Marilia Gabriela Delmiro Pereira Lima. Experimentação no Ensino de Fisiologia Vegetal para alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Geraldo Melo dos Santos, no município de Maceió, Alagoas . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2014.
10	Emanuelle da Rocha Pimentel. Educação em saúde bucal para crianças de 5 a 14 anos da comunidade do bairro Dom Constantino, Penedo-AL . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2015.
11	Marcela Maria Cavalcante. A sensibilização dos problemas ambientais em uma escola pública do município de Joaquim Gomes . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2015.
12	Maria Cícera Marques Leandro. A sensibilização ambiental a partir de projetos educativos interdisciplinares . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2015.
13	Cauay Vianna Gazele. Conhecimento sobre evolução biológica de gradandos em biologia da Universidade Federal de Alagoas . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2016.
14	Leomar Silva de Lima. As plantas de cura do Povoado de Lages . Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2018.

15	Amanda Arestides de Melo. Ensino de Física nos Anos Finais: Desafios para professores de Ciências. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2018.
16	Poliana Silva Lins. Estudo Técnico e Informativo dos Biomas Brasileiros, com Enfoque Educacional para a Construção e Conscientização sobre o Meio Ambiente. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2018. Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2018.
17	José Douglas Soares de Carvalho. Aspectos Morfológicos da reprodução vegetativa de <i>Graptopetalum paraguayense</i> (N.E.BR) Walth (CRASSULA-CEAE). Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. 2018.

Participação em Bancas de Pós-Graduação

Com relação à participação em bancas na pós-graduação, consegui apenas alguns registros que revelam minha participação no curso de especialização em 2008 e três no PRODEMA e uma no Curso de doutorado do PRODEMA Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<h2>ATIVIDADES DE ENSINO</h2> <h3>Participação em bancas de pós-graduação</h3>	
1	Saskya Araújo Fonseca. Situação atual do parque Municipal de Maceió., Maceió-AL: O estado de degradação do Riacho da Silva. Especialização em Biodiversidade e manejo em unidades de conservação. 2008.
2	Flaviana Santos Wanderley. Estudo da relação entre o Uso Antrópico do meio Ambiente e a Ocorrência de Leishmaniose Visceral Americana em São Gonçalo, Bairro de Ipioca, Maceió-AL. Programa Regional em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Alagoas. 2004.
3	Michele da Silva Pimentel Rocha. Mulheres, manguezais e a pesca no estuário do Rio Manguape: Um Enfoque Etnoecológico. Programa Regional em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal da Paraíba. 2010.
4	Creuza Soares Cortez. Conhecimento ecológico local, usos e técnicas de pescadores da área de proteção ambiental da barra do Rio Manguape. Programa Regional em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal da Paraíba. 2010.
5	Iaponira Sales de Oliveira. Conhecimento ecológico local sobre espécie de anfíbios anuros e biocontrole de insetos pragas em sistemas agrícolas de região semiárida brasileira: Subsídios à Etnoconservação. Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2016.

Participação em Atividades de Encontros, Congressos, Mesas e Cursos

As atividades em participação de Encontros, Congressos, Mesas-redondas são de grande relevância para desenvolvermos habilidades nas nossas parcerias com nossos pares e aprofundar nossas relações com o corpo discente que muito tem a nos ensinar. A minha foi relevante enquanto atuava nas orientações de pós-graduação, sobretudo no campo da pesquisa com as comunidades pesqueiras, em especial as comunidades de pesca do pitu (*Macrobrachium carcinus*), camarão de água doce do Baixo São Francisco ou com os peixes da Várzea da Marituba, Alagoas.

PRINCIPAIS ATIVIDADES Encontro Congressos Mesas Cursos Nacionais e Regionais 1995	
1995	Mesa-Redonda: Ensino da Zoologia no Nordeste: Realidade e Necessidade. X Encontro de Zoologia do Nordeste João Pessoa
1997	Minicurso: Determinação dos Estádios da Muda em Crustáceos XI Encontro de Zoologia do Nordeste. Fortaleza. Palestrante: I Seminário de Zoologia da UEFS. Feira de Santana, Bahia
2002	Curso: Metodologia para uma Taxonomia Folk com base no Modelo Berliniano (Básico). IV Simposio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife. Palestrante: "Um olhar sobre o olhar que olha: a etnoecologia abordada à luz do Pensamento Complexo de Edgar Morin" IV Simposio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife. Grupo de Trabalho: "Os saberes tradicionais e a biodiversidade. I ENAEB. UFAL
2003	Mesa-Redonda: Desenvolvimento Sustentável em Comunidades Tradicionais. V ENCOBIO da UEFS. Feira de Santana, Bahia. Mesa-Redonda: Conservação, preservação e desenvolvimento sustentável" XIV Encontro de Zoologia do Nordeste, Maceió. Oficina: Alfabetização Ambiental. Semana de Biologia. UFAL. Palestrante: "Agenda 21 como instrumento do biólogo na questão ambiental". Semana de Biologia. UFAL
2004	Oficina: Educação e Etnoecologia. Colóquio; Desafios de uma Educação Plural. NEAB.UFAL. Curso: Aperfeiçoamento em Ciências Biológicas. PROEX.UFAL

2005	<p>Curso: Educação Ambiental para Pescadores do Complexo Estuarino Lagunar Mundaú/Manguaba. Secretaria Municipal de Proteção ao Meio Ambiente. Maceió.</p> <p>Palestra: Biodiversidade e o Brasil neste contexto. II Congresso Acadêmico da UFAL. Maceió.</p> <p>Mesa-Redonda: Educação Ambiental e Etnoconservação. XV Encontro de Zoologia do Nordeste. Salvador.</p> <p>Mesa-Redonda: Etnozoologia e o Conceito de Sociedades Sustentáveis. XV Encontro de Zoologia do Nordeste. Salvador.</p> <p>Mesa-Redonda: Educação Ambiental sobre Manguezais no Ensino Formal. IV Encontro Regional de Educação Ambiental em Áreas de Manguezais. Recife.</p>
2006	<p>Palestrante: Educação Ambiental e Necessidades de Conservação. Semana do Meio Ambiente. Maceió</p> <p>Participou: Seminário Coordenador de Curso: gestão do corpo docente, avaliação, planejamento e acompanhamento do ensino. UNIVERSIA,2006</p>
2007	<p>Palestra: "Novos Parâmetros Curriculares para as Licenciaturas e suas implicações no processo ensino-aprendizagem. USINA CIENCIAS,UFAL</p> <p>Palestrante: A profissão biólogo e professor de ciências e biologia.VII Fórum de Profissões" Colégio São Lucas. Maceio.</p>
2008	<p>Minicurso: Etnoecologia e Globalização. IX ENCOBIO. Feira de Santana, Bahia</p> <p>Mesa-Redonda: Educação Científica Multicultural. IX ENCOBIO. Feira de Santana, Bahia</p> <p>Palestra: Impactos Ambientais. Semana de Nivelamento da Engenharia Ambiental. UFAL. Maceió.</p>
2011	<p>Oficina: Jogos no Ensino de Ciências I Encontro Estadual do PIBID. UFAL. Maceió</p>
2013	<p>Mesa-Redonda: Pescadores e Pescarias: saberes e conflitos. VII Encontro Nordestino de Etnobiologia e Etnoecologia. Penedo-Al</p> <p>Mesa-Redonda: Etnozoologia. XVII Encontro de Zoologia do Nordeste. Maceió-Al</p> <p>Produção de Calendário: Produção de um calendário em Homenagem ao Professor José Geraldo Wanderley Marques sobre os conhecimentos da Etnoecologia Abrangente. Sociedade Nordestina de Zoologia. PROEX. UFAL</p> <p>Oficina: Jogos, Filmes e outros Bichos: Recursos Didáticos para o Ensino de Zoologia na Educação Básica. XV Encontro de Zoologia do Nordeste, Maceio,Al.</p> <p>Coordenadora da Biologia: 1º e 2º.. Encontro Nacional de Políticas Avaliativas para a Educação de Jovens e Adultos. UFRN</p>

	Participação: III Encontro de Coordenadores Institucionais do Pibid, CAPES, Brasília//DF
2014	Concluiu: Curso de Formação Internacional em Liderança e Coaching, (310 horas) Aracaju,SE 2014
2017	Palestra no PINS: Desafios e Perspectivas para a Docência Universitária. UFAL. Maceió. Palestra: Atividades de pesca no baixo São Francisco:uma abordagem da etnoecologia abrangente como parte da programação do Workshop Etnoecologia Abrangente: a visão marquesiana da prática da Etnoecologia no Brasil. Feira, Bahia

Referências:

BUBER, M. **Eu e Tu** São Paulo: Centauro, 2001

FAZENDA, I. (org.) **Práticas Interdisciplinares na escola**. 2^a.ed. São Paulo: Cortez,1993.

_____. / **Interdisciplinaridade na formação de professores:** da teoria à prática. Canoas: Ed. ULBRA,2006.

OLIVEIRA, M. M. de **Metodologia Interativa: um processo hermenêutico dialético**. INTERFACES BRASIL/CANADA, Porto Alegre:V1, N1,2001.

NIETSCHE, F. Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Martin Claret, 2014.

Não me faço só, nem faço as coisas só.
Faço-me com os outros e com eles faço coisas..
Paulo Freire

6 O enlace da Extensão com Ensino e Pesquisa

O Programa Institucional de Iniciação a Docência-PIBID

Minhas práticas relacionadas com as atividades de Extensão se iniciaram timidamente quando ainda estava realizando o doutorado. Foi nesse momento que tive a oportunidade de participar de atividades promovidas pelo Núcleo de Extensão UFSCar-Cidadania, no tema Direitos Humanos coordenado pela Dra Norma Felicidade. Foi como monitora desse curso, que ao discutir as limitações ao exercício da pesca artesanal com o grupo, percebi o quanto ainda tinha que aprender integrando saberes. Compreender o papel relevante da Extensão como articuladora do Ensino e Pesquisa foi crucial para que eu revisitasse meus conceitos de “fazer extensão”.

No então tempo do Centro de Ciências Biológicas- CCBi acompanhei de perto sem me envolver muito do Programa de Educação Ambiental-PEA coordenado pelo Professor José Geraldo Wanderley Marques que muito marcaram a formação de muitos colegas. Nessa época ainda estava muito ligada ao Ensino como formação isolada.

No entanto em 2007 (10 a 14 de dezembro), já com outras ideias de extensão agora apostando que a formação dos discentes não poderia prescindir do conhecimento de como se dá a articulação entre ensino, pesquisa e extensão organizei a **Primeira Semana de Extensão do ICBS** realizada com o título: **da teoria à prática: articulando ensino, pesquisa e extensão**.

Motivada pelo desafio da incompreensão da “disciplina Projetos Integradores” na matriz nova do Curso de Ciências Biológicas, resolvi organizar esse evento e trazendo duas mesas-redondas importantíssimas para nortear os debates acalorados. A de abertura era a dos Pró-Reitores de Graduação (Profa. Maria das Graças Tavares) de Pesquisa (Prof. José Niraldo de Farias) e da Extensão (Prof. José Roberto dos Santos) que articulariam o ensino, a pesquisa e a extensão. A coordenada pela professora Gilda Acioli traria eu e minhas colegas da química, Profa Edma Miranda e Denise Pinheiro para discutir os projetos integradores como uma nova prática pedagógica. A vida mais uma vez me pegou de surpresa e foi nesse período que minha querida mãe se foi, exatamente no dia 13 de dezembro portanto não participei de nenhuma atividade desse evento que foi coordenado pela Gilda Acioli.

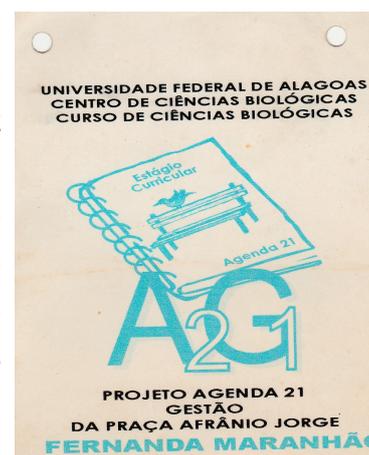
No entanto ainda tinha muito que conhecer sobre o que é fazer extensão integrando o Ensino e a Pesquisa. Começa a temporada “**os tempos do PIBID**” o grande responsável pela minha formação continuada, foi nele que percebi a complexidade da escola, o aporte de conhecimentos necessários para uma reflexão e ação conjunta entre docentes (Coordenadores de área) que formam discentes (Bolsistas) que dialogam com profissionais do ensino (Supervisores) na maioria das vezes egressos dos nossos cursos.

O Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID foi criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tendo como finalidades: (a) a valorização do magistério pelo futuro docente; (b) a valorização da escola pública como futuro campo de trabalho e (c) a melhoria das ações pedagógicas nas escolas onde o programa é desenvolvido.

A Pró-Reitoria de Graduação-PROGRAD, em final de 2008, fez chamadas convidando os coordenadores de curso de quatro licenciaturas (biologia, física química e matemática) a participarem do edital para implementação do PIBID na Ufal. Estava ainda como coordenadora de Curso da Licenciatura (aguardando a contratação de docentes para o Setor de Práticas Pedagógicas) e fiquei fascinada pela proposta. Assim não me furtei a participar e escrever o projeto que contemplava bolsas, 10 o campus de Maceió por ter dois cursos (vespertino e noturno) e 05 para o curso de Biologia do campus Arapiraca.

Assumir o desafio de conciliar a orientação de bolsistas (Arapiraca e Maceió) na função de coordenadora do PIBID/Biologia continuar exercendo a função de coordenação de curso e manter a sala de aula na graduação com uma média de nove horas semanais, fez desse meu período (fevereiro/ 2009 a fevereiro/2011) o mais dinâmico e rico que eu já vivi na minha vida acadêmica.

Foi nesse programa de caráter multifacetado (ensino, pesquisa e extensão) que revisitei o conceito que tinha de extensão. As viagens a Arapiraca com toda a equipe coordenada pela Profa Suzana Luiz Barrios aliada as experiências diferenciadas no fazer a extensão foram essenciais para transformação das minhas práticas de extensão que não poderiam ser mais de natureza vertical (assistencialista) e sim de práticas de **extensão cidadã**. O resgate do pensamento freireano que apresenta a educação libertadora ocorrendo como um ciclo ininterrupto de ação↔reflexão↔ação me ajudou a perceber o abismo entre a educação superior e a educação básica. Nesse momento, o projeto possibilitou a construção de pontes entre o ensino superior e o ensino médio, entre o conhecimento prático profissional e o conhecimento acadêmico, entre a teoria e a prática.



Dessa forma o PIBID/biologia investiu nas pessoas como protagonistas da produção de conhecimentos, de maneira tal que possibilitasse o uso de jogos didáticos e que as atividades práticas assumissem um papel relevante no processo de ensino e aprendizagem. Assim fizemos uma proposta bem diferente para o grupo todo, mas foi de Arapiraca que apostou na ideia, e foi a professora de Biologia, supervisora no projeto, quem mais incentivou e criou as condições para a semente brotasse e produzisse narrativas de aprendizagens, de ações solidárias.

Adotamos a ideia descrita na Escola da Ponte: “os mais dotados” se responsabilizam pelos “menos dotados” e vice-versa. Nesse momento criamos a figura dos “discentes-monitores”, os quais juntos com os bolsistas do PIBID possibilitaram abertura de caminhos para mudança de olhares de todos envolvidos no projeto. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em 2015, no capítulo 2 intitulado: **“A formação de discentes-monitores como estratégia de melhorar o ensino-aprendizagem de Biologia em uma escola pública do município de Arapiraca/Al** do livro Universidade e Escola: reflexões sobre práticas pedagógicas no PIBID, organizado por

Lucia de Fatima Santos, Sandra Regina Paz e Suzana Maria Barrios Luis Recife: Editora UFPE.

O grande sucesso foi perceber que os piores estudantes foram capazes, inclusive, de superar o rendimento escolar dos melhores alunos, claramente comprovando que o investimento na pessoa humana é o caminho da humanização e formação. O PIBID afirmou o que IMBERÓN disse a respeito desse programa: **“O PIBID trabalha o processo de educação focado “na vida e para a vida, para essa vida diferente”.**

É fato que não fazemos nada só, somos seres sociais e a nossa in dependência se alimenta da nossa dependência dos outros. Tudo que produzi foi porque aprendi a construir saberes coletivamente. A chegada da professora Giana Raquel ao Setor de Práticas e seu envolvimento integral as atividades desenvolvidas no PIBID, reforçou minhas convicções por uma universidade emancipadora que contempla práticas de extensão educativas que se confrontam “com outros tipos de conhecimento”, passando por percursos transdisciplinares menos hierarquizados.

Nesse contexto publicamos o trabalho intitulado: **“O PIBID como espaço para des-velar mitos, sonhos e realidades: experiências do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFAL”** capítulo 6 do livro *Universidade e Escola: diálogos sobre a formação docente* organizado por Lucia de Fatima Santos, Sandra Regina Paz e Suzana Maria Barrios Luis Recife: Editora UFPE, 2012.



Vale ainda ressaltar como participar desse Programa foi um espaço que extrapolou a esfera burocrática, busquei nos encontros do Pibid em Brasília caminhos para acrescentar as minhas leituras relacionadas com a formação de professores, e assistir a conferência do Professor Miguel Arroyo sobre o “ofício de Mestre: imagens e auto-imagens foi fundamental para as mudanças nas minhas práticas de ensino.

O contato com outros Coordenadores Institucionais do PIBID, em especial com a professora Gicélia Mendes da Universidade Federal de Sergipe me rendeu parcerias e oportunidade para fazermos juntas um Curso sobre Liderança e Coaching (junho/2013 a dezembro/2014) com 310 horas de pura formação.

BOLSISTAS DO PIBID BIOLOGIA

| 2009 - 2011 |

BOLSISTAS	CURSOS
1. Adso Levi S. de Figueiredo Mendes	Campus - Maceió
2. Barnagleison Silva Lisboa	Campus - Maceió
3. Elisa Maria Gonçalves Bento Silva	Campus - Maceió
4. Filipe de Barros Tavares	Campus - Maceió
5. Flávia de Souza	Campus - Maceió
6. Jose Elson Leandro da Silva	Campus - Maceió
7. José Vieira de Araújo Neto	Campus - Maceió
8. Luis Gustavo Enders de Albuquerque de Livro	Campus - Maceió
9. Rafael Fernando da Silva	Campus - Maceió
10. Wagner da Silva	Campus - Maceió
1. Daysiane Ferreira da Silva	Campus - Arapiraca
2. Ezequias Soares dos Santos	Campus - Arapiraca
3. Janimara Marques da Silva	Campus - Arapiraca
4. Isabel Cristina Gomes da Silva	Campus - Arapiraca
5. Maria Renise Oliveira dos Santos	Campus - Arapiraca

PRODUÇÃO CIENTÍFICA PIBID BIOLOGIA | 2009 - 2011 |

PRODUÇÃO	TÍTULO	AUTORES
Capítulo de Livro	O PIBID como espaço para des-velar mitos, sonhos e realidades: experiências do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFAL, 2012	Sineide C.S. Montenegro Giana Raquel Rosa
Capítulo de Livro	A formação de discentes-monitores como estratégia de melhorar o ensino-aprendizagem de Biologia em uma escola pública do município de Arapiraca/AL, 2015	Daysiane Ferreira da Silva Janimara M. da Silva Sineide C.S. Montenegro
V Congresso Iberoamericano de Educación Experimentales, IV Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 5 e II Encontro de Ensino de Biologia	A aplicação do "BIO" como jogo pedagógico no ensino de Biologia em escola pública de Maceió, Alagoas. 2011	Wagner da Silva Rafael F. da Silva Filipe Barros Tavares Giana R. Rosa Sineide C.S. Montenegro
	A utilização do Laboratório de Ciências na escola Estadual Margarez Lacet, Maceió-Alagoas. 2011	

Referência:

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

“...Eu não sei o que quero ser,
mas sei muito bem
o que não quero me tornar”.

Friedrich Nietzsche

7 Caminhos inter cruzados da Pesquisa: Produções Acadêmicas Bibliográficas

A atividade acadêmica relacionada à produção científica tais como Monografias, Experimentos, Ensaaios, Dissertações e Teses são exemplos de envolvimento com “a atividade crítica” relacionada também com o Ensino e Extensão. É preconizado a **indissociabilidade** entre ensino, pesquisa e extensão, mas esse entrecruzamento ainda é muito pouco praticado. Só comecei a aprender quando iniciei minhas pesquisas na área da Etnoecologia.

A minhas primeiras publicações mesmo antes de ingressar na UFAL, foram relacionadas a produção de pesquisas em áreas muito específicas do conhecimento. De fato a minha primeira experiência coletiva em projetos de pesquisa foi quando participei juntamente com as professoras Liriane Monte Freitas, Iracilda Maria de Moura Lima, Eliza Maria Freire de Souza e os estagiários: Selma Torquato, Claudia Maria Lins Calheiros, Jorge Luiz Lopes da Silva, Cândida Maria Lima Aguiar e Marcelo Cardoso de Sousa do diagnóstico ambiental (**fauna terrestre**) da Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu: Diagnóstico, Avaliação e Zoneamento, coordenado pelo Professor Roberaldo Carvalho de Souza do Departamento de Engenharia Eletromecânica da UFAL. Esse projeto foi efetuado em três viagens de campo as dunas da APA ocorrendo no período de outubro a novembro de 1991 e nos meses de janeiro e março de 1992.



Ser atualmente colega e ter dividido experiências na coordenação de curso com os ex-estagiários Claudia Maria Lins Calheiros e Jorge Luiz Lopes da Silva é alegria, pois podemos resgatar esses laços e reconstruir novas histórias. A estagiária Cândida hoje é titular da Universidade Estadual de Feira de Santana, participei da sua banca de ingresso nessa universidade e mantenho até hoje com ela a admiração pela profissional que se tornou.

Essa experiência muito gratificante e muito importante na minha formação acadêmica para o aprendizado relacionado ao trabalho em equipe. A atuação dos estagiários foi fundamental para o desenvolvimento colaborativo funcionando como laboratório para melhorar os relacionamentos entre docentes e discentes.

Um dos grandes desafios na vida como pesquisadora foi o de estabelecer a ponte entre a Ecologia e as Ciências Sociais pois conhecia apenas o caminho da objetivação. A interface entre a Ecologia/Antropologia foi enriquecedor para melhorar minha compreensão sobre pesquisa qualitativa e incluir aspectos históricos, econômicos, sociais e até políticos ampliou minha visão crítica da realidade.

A temporada que passei em João Pessoa e São Carlos por ocasião do mestrado e tese respectivamente foi decisiva para minha formação. Tive no convívio com os docentes da UFS-Car, a professora Norma Felicidade o convite a pensar uma pesquisa integrada a extensão tendo como ponto de união as comunidades de pescadores do Alto São Francisco. E juntamente

com os colegas de doutorado (Ana Thé, Eliza Madi, Marcelo Cavallini) estabelecer vínculos para produção acadêmica durante o doutorado. O Laboratório de Ecologia Humana e Etnoecologia (LEHE) coordenado pelo professor Dr. Nivaldo Nordi foi o local onde construímos o **“aprender uns com os outros”** de forma mútua em um processo educativo de construção de cidadania.

A publicação na revista internacional “Interciência” juntamente com Dr. Nivaldo Nordi e Dr. José Geraldo Wanderley Marques foi resultado da minha qualificação no curso. Essa foi uma experiência impar e lembro perfeitamente daquele dia em que fui inquerida sobre o porquê da citação de Milton Santos no meu trabalho. Jamais imaginaria passar por tal situação minhas convicções foram postas a prova. Enfim aprendi posteriormente que há pesquisadores que tem dificuldade em aceitar pessoas que pensam diferentes apenas como adversários e não como inimigos. Essa publicação é a que tem maior impacto nas citações (SCOPUS 6)

Minha produção acadêmica relativa ao tempo da **“etnoecologia”** foi ainda enriquecida com a minha participação em 2003 no Projeto Marituba – Caracterização ecológica da Várzea da Marituba coordenado pela professora Dra. Maria de Fatima Pereira de Sá que me deu oportunidade de juntamente com minha estagiária Cynira Alves de França desenvolver o projeto “classificação etnobiologica da fauna aquática da Várzea da Marituba e Inventário da Carcinofauna.

Foi a partir de 2009, quando comecei a participar das pesquisas do PIBID que dei inicio a produção científica relacionada com a área da Educação. Uma nova porta se abria, novos caminhos a serem trilhados nessa ciência chamada da educação.

ANO	PRODUÇÃO CIENTÍFICA	TIPO DE PUBLICAÇÃO
1980	Variations de la consommation d’oxygène chez la Crevette <i>Palaemon serratus</i> Pennant au cours du cycle d’intermue.	Cahiers de Biologie Marine, Tomme XXI, 1980. Pp279-286
1980	L’influence de l’ablation des pédoncules oculaires sur la durée des stades d’intermue chez <i>Palaemon serratus</i> .	Publicado no Boletim do Núcleo de Estudos de Ciências do Mar. V. 13. P. 1-47
2000	Fauna terrestre.	Capitulo de livro: Área de Proteção: Ambiental de Piaçabuçu – Diagnóstico, Avaliação e Zoneamento. EDUFAL,2000 pp 316-335
2001	Limitações ao exercício da pesca artesanal:subsídios a uma proposta de extensão universitária em prol do direito ao trabalho no território das águas interiores.	Capitulo de livro: Caminhos da Cidadania: um percurso universitário em prol dos direitos humanos. São Carlos, EdFSCar

2001	Etnoecologia, Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável	Capítulo do livro
2001	Contexto cultural, ecológico e econômico da produção e ocupação dos espaços de pesca pelos pescadores de pitu (<i>Macrobrachium carinus</i>) em um trecho do Baixo São Francisco, Alagoas, Brasil	Publicado no periódico Interciência: vol 26 no.11.
2003	Várzea da Marituba- Baixo São Francisco Alagoano: caracterização ecológica, impactos ambientais e as populações tradicionais de pescadores.	Anais do Simpósio Amazônia, Cidades e Geopolítica das Águas.
2006	Pescadores e Peixes: o conhecimento local e o uso da taxonomia folk baseado no modelo berlineano	Livro publicado pelo NUPEE-A/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Serie Estudos e Debates.
2012	O Pibid como espaço para des-velar mitos, sonhos e realidades: experiências no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Ufal	Capítulo 6 do livro. Universidade e Escola: diálogos sobre formação docente. Ed. Universitária da UFPE
2015	A formação de discentes-monitores como estratégia de melhorar o ensino-aprendizagem de Biologia em uma escola pública do município de Arapiraca/Al	Capítulo 2 do livro. Universidade e Escola: reflexões sobre práticas pedagógicas no PIBID.. Ed. Universitária da UFPE
2017	O Ciclo Hermenêutico-Dialético como experiência para compreensão dos conceitos sobre Educação Ambiental de discentes do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas.	Capítulo 18 do livro Experiências exitosas com Sequências Didáticas Interativas. Parte II. Pp.453-469

“ Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela,
tampouco, a sociedade muda.”

Paulo Freire

8 Gestão Administrativa, Interlocações e Contribuições Institucionais

Apreendi que o tempo burocrático nas universidades não corresponde ao tempo acadêmico dinâmico dos Departamentos (*tempo de Chefia do Departamento de Zoologia, tempo da Chefia do Museu de História Natural*) e das Coordenações (*tempo da Coordenação de graduação; tempo da pós-graduação no PRODEMA, tempo de Coordenadora Institucional do PIBID, tempo de Coordenadora do PLI*) que possui fluxos constantes de necessidades imediatas e mediatas.

No entanto, observei que esses desafios burocráticos constantes não foram obstáculos para desenvolvimento das minhas práticas de Ensino. Foi nesse espaço que construí as mudanças necessárias para conjugar a não-dicotomia entre prática e teoria, entre razão e emoção e entre dominação e parceria isto é, sair de um paradigma auto-afirmativo (que estimulava a expansão, competição, quantidade e dominação) e ir em direção a um paradigma integrativo (que estimula a conservação, cooperação, qualidade e parceria).

O Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas foi criado em 1973 como Curso de Licenciatura em Ciências, habilitação Biologia tendo o Instituto de Ciências Biológicas-ICB após a Reforma Universitária passado a constituir-se como Centro de Ciências Biológicas –CCBi. De acordo com Jane Lyra, aluna da primeira turma, o Curso foi instalado em 04 de março de 1974 (**dez anos antes da minha entrada como docente**) e foi a Resolução No.10 CCEP-Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa de 24 de setembro de 1974.

O primeiro Coordenador do Curso foi o professor José Márcio Malta Lessa que a partir de 1976 assumiu a Direção do CCBi tendo sido a pessoa que mais tarde em 1984 aprova meu projeto de Dedicção Exclusiva passando então a ser uma docente com Dedicção Exclusiva a UFAL.

Mas foi no cargo de Chefia do Departamento de Zoologia que dei início ao conhecimento dos modelos de gestão (poder de mando, ordenamentos de despesas, compras de materiais) ainda muito concentrado nos direcionamentos unilaterais que não permitiam o exercício de uma gestão mais participativa. No entanto preferi investir no aprendizado de como melhorar os relacionamentos entre docente-docentes, docente-discentes e docente-tecnico-administrativo.

Dessa forma iniciei de fato meus caminhos gestão estando e sendo coordenadora do Curso de Biologia que passou em 2006 a ser de Ciências Biológicas. Inicialmente em 1991 recebi o convite do Professor Marcos Flavio para ser membro do colegiado numa curta temporada de sua coordenação. Em 1993 na segunda gestão da Professora Maria José Menezes Mesias participei como vice-coordenadora já no último ano e deu pra perceber quando solitária era essa função. Os colegiados ainda não tinham o sentido do coletivo, muito pouco estimulado nas práticas docentes voltadas para o Ensinar e fazer Pesquisa.

Minha participação no colegiado do Curso durante uma das coordenações da Professora

Eneida Linpinski Figueiredo foi uma etapa que desenvolveu muito a habilidade de superar conflitos buscando sempre o diálogo. Mas nessa época a Profa Jane Lyra já havia plantado a semente do “ser professor de ciências e biologia” diferente do “ser biólogo”. E participava efetivamente das mudanças curso ministrando Estágio Supervisionado para os licenciados, pois fez sua dissertação na área da Educação tendo como pergunta geradora de sua pesquisa:

“Quem são os formadores de formadores? Existe diferença conceitual entre professores universitários e demais professores. De certo, um belo trabalho que muito me inspirou para ter coragem e coordenar as mudanças necessárias para implantação do curso Licenciatura separando definitivamente do Bacharelado.

Foi nesse contexto de mudanças que participei dos Projetos Pedagógicos dos Cursos do Bacharelado, como membro do colegiado, e da Licenciatura como participante da Equipe Executora do projeto, juntamente os colegas Profa Dra. Laura Pizzi e Prof. Dr. Luis Paulo Mercado do Instituto de Educação atual Centro de Educação/CEDU da Ufal.

Nesse momento inicial de Coordenadora do novo Curso da Licenciatura (2006 a 2011) devo ressaltar que o apoio da Direção do CCBi, na pessoa da profa Dra. Therezinha de Jesus Carvalho Calado, foi importante, firme e decisivo para atuar com tranquilidade e confiança. Muito me incentivou a implantar o PET-Programa Estudantil de Tutoria no curso de Biologia e nunca deixei de atender, eu e Professora Liriane Montes fomos incansáveis nessa tentativa infelizmente, sem sucesso, não por causa do projeto em si, mas sobretudo porque há também na gestão universitária interesses políticos que sobrepõe ao caráter meritório. Nesse contexto compreendi que os gestores podem atuar como agentes de mudança e que a gestão acadêmica é um exercício de passagem onde devemos agir sempre como interlocutores institucionais.

Nas suas duas gestões como Diretora do ICBS, a profa Therezinha teve como vice-diretoras duas professoras do Departamento de Zoologia, minhas colegas-amiga Gilda Acioli e Tereza Calado, com as quais sempre atuei de forma cooperativa.

Os tempos de implantação do novo projeto foram cheios de tempestades e poucas calmarias (no início) e foi com a minha vice-coordenadora, minha colega-amiga e amiga-colega Professora Dra. Liriane Monte Freitas que enfrentei com paciência e esperança esses momentos. Sem a companhia dela as coisas teriam sido muito mais difíceis. Nas outras duas vezes que fui coordenadora, tive a honra de partilhar a gestão com colegas que foram discentes meu ao longo do curso. O Professor Dr. Jorge Luiz Lopes da Silva, que compartilhou comigo a vivência da internacionalização dos nossos discentes, e a profa Dra. Claudia Maria Lins Calheiros, com quem muito aprendi sobre humanidade.

Foi graças às parcerias estabelecidas com Coordenadores do Bacharelado (Denise Wanderley e Leticia Ribas) em especial, com o Professor Gilberto Justino Costa que desenvolvi competências para tomar decisões coletivas. Um grande aprendizado.



No entanto, foi graças a esse novo curso e a ousadia de fazer diferente que coloquei como condição primordial para funcionamento do curso a contratação de docentes graduandos em licenciatura, mas com mestrado ou doutorado na área da Educação. Assim a gestão do ICBS se comprometeu na liberação de uma vaga e em maio de 2008 realizamos concurso para Prof. de Prática Docente Orientada, tendo como aprovadas: Shaula Maíra Vicentini de Sampaio, Giana Raquel Rosa e Lilian Carmen Lima dos Santos.

E graças ao **Projeto Reestruturação e Expansão das Universidades Federais- REUNI** em novembro de 2010 o **REU 16 Práticas Pedagógicas** garantiu mais uma vaga para o já criado “Setor de Práticas Pedagógicas” do qual faço parte desde sua criação.

A chegada das professoras Shaula Maíra (atualmente na UFF) Giana Raquel, Lilian Carmen, Maria Danielle, Saulo Verçosa e recentemente Alailson deram uma nova dinâmica e vida ao nosso Setor de Práticas Pedagógicas. A presença deles engradece as práticas não só pedagógicas, mas apontam em direção a mudanças de fato da nossa forma de se relacionar com os outros. Foi sob a coordenação da Profa Maria Danielle Araujo Mota que o NDE e Colegiado do Curso acabaram de construir coletivamente a nova matriz do curso a ser implantado em 2019.1

Outras atividades importantes de gestão estão nas participações de comissões de avaliações de Estágios Probatórios dos Docentes e de Técnico-Administrativos.

Apresento abaixo as tabelas com os principais cargos, as bancas de concursos para professor, e as comissões de avaliações docente e técnico-administrativo.

GESTÃO	
Período	Cargo
Mar/1990 a Mar/1992	Chefe do Departamento de Zoologia do Centro de Ciências Biológicas – UFAL
Set/1990 a Set/1992	Chefe do Setor de Zoologia do Museu de História Natural – UFAL
Dez/1991 a Set/1992	Vice coordenadora do Curso de Biologia
Jan/2006 a Dez/2008	Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura
Jan/2009 a Jun/2011	Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas, Licenciatura

Jul/2011 a Dez/2016	Vice Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura
Jan/2016 a Jan/2018	Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura
Ago/1995 a Jan/1996	Coordenadora do III Curso de Especialização em Zoologia
Mar/2006 a Abr/2007 Maio/2007 a Dez/2007	Vice coordenadora Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFAL)
Fev/2009 a Fev/2011	Coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBID/CAPES
Jul 2010 a Ago/2012	Coordenadora da área de Ciências Biológicas, Licenciatura no Programa de Licenciaturas Internacionais (CAPES/ Universidade de Coimbra)
Ago/2013 a nov/2013	Coordenadora de Área de Biologia – Programa Nacional do Livro Didático – Educação de Jovens e Adultos

PARTICIPAÇÃO EM BANCAS EXAMINADORAS DE CONCURSOS

Período	Instituição/Disciplina
1996	Prof. de Zoologia de Invertebrados – Universidade Estadual de Feira de Santana
2006	Prof. de Biologia Geral – Universidade Federal de Alagoas
2007	Prof. de Estágio Supervisionado – Universidade Federal de Alagoas
2008	Prof. de Prática Docente Orientada – Universidade Federal de Alagoas

2010	Prof. de Práticas Pedagógicas – Universidade Federal de Alagoas
2011	Prof. de Ecologia Humana e Etnoecologia – Universidade Federal Rural do Semiárido de Mossoró/RGN
2011	Prof. de Práticas Pedagógicas – Universidade Federal de Alagoas

PARTICIPAÇÃO EM AVALIAÇÃO DE DOCENTES E TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

Ano	Docentes e Técnico-Administrativo
2009	Shaula Maíra Vicentini de Sampaio
2010	Giana Raquel Rosa Erna Guedes Daniel Leite Góes Gitai Luiza Antas Rabelo Renato Gaban Lima Eliane Aparecida Campesatto Mela Jorge Luiz Lopes da Silva Leonora Tavares Bastos Lilian Carmen Lima dos Santos Antônio Valeriano Pereira dos Santos Regianne Umeko Kamiya
2011	Márcio Amorim Efe Marcos Vinícius Carneiro Vital Antônio Valeriano Pereira dos Santos João Vicente Coffani Nunes Dalmo Almeida de Azevedo
2012	Claúdia Maria Lins Calheiros

2014	Raul Messias Lessa Rosa Maria Barbosa da Silva
2018	Maria Danielle Araújo Mota Saulo Verçosa Nicácio

PROGRAMA DAS LICENCIATURAS INTERNACIONAIS – PLI

A Coordenação do Curso, ou seja, o “Ser Coordenador” me possibilitou vivências jamais imaginadas e uma delas foi quando aceitei o desafio de inscrever os nossos discentes do vespertino e noturno para participarem da seleção do PLI -Programa das Licenciaturas Internacionais em parceria com a CAPES e Universidade de Coimbra, Portugal. O nosso curso e o da Educação Física da UFAL (Profa Leonéa Vitória Santiago) foram os selecionados da UFAL para participarem desse Programa.

Um desafio enfrentado no sentido de melhorar a qualidade da educação e de promover uma vivência internacional para os discentes oriundos de escolas públicas. Foi uma oportunidade de discentes e docentes da UFAL trabalharem com seus pares da Universidade de Coimbra (a primeira universidade da Europa). Essa experiência permitiu não apenas o intercâmbio entre as duas instituições, mas também que tivessem uma compreensão mais ampla da Educação, da Escola, de suas finalidades e o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem nos dois países.

Mais que tudo, o PLI ensinou que licenciatura tem diferentes definições nos dois países: no Brasil, se refere a formação de professores e, em Portugal, é o nosso bacharelado. Só descobrimos isso lá. E aí começou um novo desafio. A Universidade de Coimbra, assim como muitos países da Europa, trabalha com o currículo de Bolonha e assim, a formação de professores só existe em nível de pós-graduação e, no Brasil, a formação docente é feita ao longo da graduação. Nesse momento, a saída foi: abrir espaços para que os discentes fizessem disciplinas pedagógicas no mestrado da Universidade. Isso possibilitou não apenas o intercâmbio científico-cultural, mas uma formação mais ampla e uma vivência diferenciada em relação aos outros colegas que aqui ficaram.



Esse projeto me colocou em contato direto com a realidade dos discentes. Ver onde e como viviam com suas famílias, mostrou o quanto muitos de nossos estudantes têm dificulda-

des e, por si só, não conseguem supera-las. Assim, precisei não apenas visitar as famílias para convencê-las da importância do projeto, mas também orientar como fazer para que cada um tivessem seu passaporte e conseguissem o visto como estudantes que permitiria a estada deles em Portugal. Para isso, conseguimos (eu e a profa. Leonéa, do Curso e Educação Física), na UFAL, a condução que nos levou à Embaixada de Portugal, em Salvador, para que os estudantes pudessem tirar seus vistos. Sem a nossa ajuda e da Pro-reitoria Estudantil certamente nossos estudantes não teriam condições de sair de suas cidades.

Nesse contexto, a minha inserção nesse programa internacional fez com que eu tivesse a oportunidade de conhecer a Profa. Rosa Nunes, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (cidade do Porto) uma pessoa que me fez conhecer o que é fazer Pesquisa-Ação, tendo **PLI - Integração de Docentes e Discentes do curso de Ciências Biológicas dos Campi A.C. Simões e de Arapiraca.**

Participantes	Integrantes
Coordenador Geral Coodenadores	Profa. Sineide Correia Silva Montenegro Prof. Jorge Luiz Lopes da Silva Prof. Tiago Gomes de Andrade
Coordenador/ Coimbra	Antônio Joaquim de Matos Moreno
Discentes	1. Benildo Lima Laranjeira Júnior 2. Bruno Michael da Silva Pereira 3. Christiano Anderson de Carvalho Pedrosa 4. Josiano Gomes Figueiredo 5. Marília Gabriela Delmiro Pereira Lima

sido Presidente do Instituto Paulo Freire em Portugal. Foi com ela que aprendi que o olhar para as pessoas tem que ser sempre como os olhos do coração. E foi na volta da minha última temporada do PLI em Coimbra que vivi mais uma perda, em abril de 2012 a pessoa que dividiu comigo um projeto vida se foi para sempre.

PARTICIPAÇÃO EM ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO – EJA

Ser convidada a trabalhar com a análise dos livros didáticos para a **Educação de Jovens e Adultos** foi mais um episódio de exercício da minha vida acadêmica que posso dizer bem diferenciada. Ser coordenadora do grupo da Biologia me permitiu ver as obras para além dos conteúdos.

Esse foi o primeiro edital de seleção de obras direcionadas para a Educação de Jovens e Adultos – EJA e onde foi reunidos professores do Brasil inteiro, sob a coordenação geral da

UFRN para desenvolver esse importante trabalho. Nossa equipe sempre trabalhou de forma muito integrada, o pensamento de contextualização, construção da cidadania e autonomia estavam presentes em todas as discussões e análises.

Víamos a necessidade de integração de conteúdos e conceitos como uma coisa muito maior do que apenas a avaliação das obras de acordo com critérios bem estabelecidos pelos instrumentos de avaliação. Víamos a possibilidade de fazer um caminho diferente para esses educandos e educadores a quem as obras foram destinadas, um caminho que permitiria iniciar a superação, com alguma coerência, entre lista de conteúdos, que acompanha o pensamento de que aprender é transferir informações, para trilhar o caminho de **“quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”** (FREIRE, 1996, p. 12).

Tempos recentes aqui na Ufal durante a Semana da SBPC (julho/18) tenho a alegria de assistir a palestra de Miguel Arroyo sobre exatamente tema: “Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA, juntamente com minha amiga-colega Edma Miranda.

"... Não busquem discípulos para comunicar-lhes
saberes pois estão soltos por aí e para quem quiser.
Busquem discípulos para neles plantarem suas esperanças..."

Rubem Alves

9 Observações Finais

O presente **Memorial Descritivo** contem narrativas do meu caminhar acadêmico, organizados e recortados num vai-e-vem de histórias que se entrecruzam, pois a história da Universidade é feita assim de fragmentos de várias micro histórias.

A condição de Professor Titular é uma distinção que representa o reconhecimento da Academia à trajetória docente por suas ações e contribuições institucionais. O processo de Promoção docente para a Classe E (professor TITULAR) da Carreira de Magistério Superior da UFAL, exige primeiramente aprovação em **Avaliação de Desempenho Acadêmico** no interstício. Em segundo momento, a aprovação de Memorial Acadêmico ou Tese Acadêmica Inédita. Como a minha escolha foi pelo **Memorial Descritivo** que retrata a minha trajetória em duas instituições que me formaram: **Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal de Alagoas Federais**.

Na Universidade Federal de Alagoas foi onde vivenciei efetivamente a **Dedicação Exclusiva**, nem sempre um “mar de rosas”, mas com certeza onde vivi meus maiores aprendizados e transformações.

Atuei sempre com zelo pelo patrimônio público e comprometida de forma humilde e total aos desafios inerentes ao Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão Acadêmica. Se existir envolvimento, posso dizer, parafraseando Pedro Nunes, que “me entreguei de ALMA E CORPO”, por essa razão, esse trajeto que percorri, me habilita, de certa forma, a promoção de mudança da Classe D para a Classe E, do cargo Professor TITULAR.

Como perspectiva futura pretendo contribuir, no Setor de Práticas, com elaboração de Curso de Pós-Graduação, inicialmente de Especialização em Formação de Professores de Ensino de Ciências e Biologia, com a Coordenação do Curso na publicação de um livro previamente intitulado: “Do dador de aulas ao transformador de vidas: a história do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e com a Extensão do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde implantando o projeto “O ICBS dos meus sonhos” como forma de desenvolver uma política de pertencimento e de integração.

No entanto, não basta apenas o meu reconhecimento, é necessário que os outros nos reconheçam como atuantes éticos em todas as instâncias da vida acadêmica, com dedicação profissional e liderança com reconhecimento pelos pares. Assim disponibilizo alguns depoimentos de colegas e discentes que dividiram comigo a construção de uma Universidade mais plural e democrática, humana e ESPERANÇOSA por um futuro possível.

DEPOIMENTOS

Cheguei à UFAL em 2008. Lugar desconhecido e de pouco acolhimento [...] naquela época! Fui destinada a ministrar disciplinas nas licenciaturas, e, para minha sorte, no Curso de Ciências Biológicas - Licenciatura. Quando cheguei ao curso fui surpreendida pela coordenadora que me acolheu com carinho, paciência na orientação, se colocando com humildade e respeito a minha trajetória de vida e profissional. Naquele momento, tive a oportunidade de conhecer o outro lado das pessoas que integram a UFAL. A coordenadora Sineide representava o lado mais humano e menos frio da burocracia universitária.

Seu encanto, sensibilidade, paciência e acolhida aos professores de outros Institutos ou Unidades Acadêmicas que adentram na Unidade de Ciências Biológicas foi fundamental para despertar a vontade de construir uma UFAL diferenciada e fundada na excelência acadêmica. Uma UFAL mais humana, aberta a uma escuta atenta e sincera às nossas histórias de vida e reconhecimento do capital cultural que somos portadores. Esta recepção contribui, sobremaneira, para uma relação pedagógica mais criativa e saudável, social e psíquica.

Sineide é uma educadora fenomenóloga, sensível ao humano das pessoas. São sentidos presentes no seu ser, construídos ao longo da sua jornada de vida, no compromisso com a formação profunda de professores comprometidos com a humanização do humano. Portanto, o seu fazer docente não pode ser reduzido a um conjunto de atribuições burocráticas. Esta humanidade intrínseca ao seu ser provoca efeitos em seu pensamento (palavras+sentimentos+emoções+afetos). Digo: belos pensamentos, pedras fundamentais que se desdobram em novas práticas educativas no ICBS. Seu engajamento militante e sua defesa intransigente da formação humana docente, teoricamente sólida e socialmente referenciada é a marca que a distingue na Unidade de Ciências Biológicas e até na Universidade Federal de Alagoas.

Sempre digo: Sineide - é minha referência acadêmica, me esforço muito em me aproximar do seu perfil docente. Encanta-me a força dos seus conhecimentos, capacidade de escuta e entusiasmo. Atributos e traços cada

vez mais raros em nossa sociedade, que se ofusca no cinismo e bajulação. A convivência com Sineide me ofereceu um crescimento pessoal e profissional. Ela nos abriu novas possibilidades de ver e viver a Universidade. Sua dedicação incansável, diuturnamente, às atividades acadêmicas e formativas nos mobiliza, nos toma a alma e nos enriquece. Para além do seu compromisso com o trabalho docente, seu maior mérito, do nosso ponto de vista, foi saber ser uma coordenadora amiga, sensível, dedicada e competente, que nunca permitiu “o poder subir à cabeça”. Não é fácil sintetizar o que significou e significa, hoje, a Professora Sineide, para UFAL! Ela é, de fato, a professora, extensionista e pesquisadora, que consegue conciliar a prática e a filosofia que eleve a alma dos docentes e discentes, porque se faz exemplo.

Sineide, sinto um imenso orgulho de tê-la como mestra! Sim, amiga, você me ensina, me forma e me educa! Você me faz um ser humano melhor! Me faz acreditar que podemos fazer outra Universidade, em não desistir nunca, pois a atividade docente é uma das poucas atividades que suscita paixão e liberdade, paixão pela liberdade de ensinar, conviver e compartilhar.

Sandra Regina Paz

18/11/2018

Conheço a professora Sineide Correia Silva Montenegro há mais de 10 anos, trabalhamos em funções e espaços diferentes, mas com o propósito de muita cooperação. Ela exercendo a função de coordenadora do curso de Biologia e eu, diretora geral do DRCA/UFAL.

Participar desse momento tão importante da carreira acadêmica da Professora Sineide, é motivo de muita honra para mim. O seu desempenho nas atividades relativas à coordenação do curso, sempre foram realizadas com responsabilidade, respeitando prazos determinados em editais, respondendo os processos oriundos do DRCA com base na legislação acadêmica, da qual é bastante conhecedora.

Sou testemunha do tratamento dispensado aos discentes do curso, sempre recebidos com a maior presteza, procurando resolver, da melhor forma, todos os problemas acadêmicos que se apresentavam em sua coordenação. A professora Sineide é exemplo de solidariedade, disponibilidade e competência, no trato da coisa pública, merece com todas as honras, chegar aonde chegou.

Serei eternamente grata, a professora Sineide, pela sua amizade, por haver contribuído com o DRCA, de maneira solidária, em todos os momentos de nossos trabalhos conjuntos tais como: matrículas acadêmicas, colações de grau, processos de transferência e outros mais.

Finalizando, afirmo que, a professora Sineide engrandece com o seu importante trabalho, o quadro de docentes da Universidade Federal de Alagoas.

Maria do Carmo Viana Cavalcanti
19/11/2018

Eu tenho a experiência de trabalhar com a Professora Sineide Montenegro desde que ingressei na Carreira do Magistério no ano de 2012 na UFAL, primeiro como Professor do Curso de Ciências Biológicas tendo ela como Vice-Coordenadora e depois como Coordenadora. Posteriormente, comecei a fazer parte do Colegiado da Licenciatura em Ciências Biológicas e passei a integrar também o Colegiado do Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas como Coordenador.

Este texto não é sobre mim, mas precisei mencionar para contextualizar a vivência com a Professora Sineide em várias áreas da minha formação continuada, que obtenho sem me inscrever em curso algum. Ela tem visão singular sobre a formação das pessoas, componente difícil de não enxergar na convivência com ela. O lado humano é um de seus cartões de visita mais forte e proeminente em todas as discussões e ela, de forma divertida, trata situações difíceis com irreverência, resolvendo de forma leve situações complexas. O jeito perspicaz, a sensibilidade e a sua experiência docente, com certeza não poderão ser registrados em um memorial, pois os adjetivos dela só podem ser percebidos no cotidiano, de quem tem o privilégio de dividir a sua rotina.

Ela está sempre a frente, o que se pode perceber em sua inquietude diante de muitas tomadas de decisões, em muitas salas de reuniões. O jeito plural da Professora Sineide de resolver e lidar com os aspectos sociais, culturais, ambientais, enxergando o indivíduo, a família e a sociedade combina bem com muitos ambientes, e contrapõe o peso de um universo onde muitas pessoas enxergam apenas números. Não raro, ela costuma ver pessoas. Percebendo o espaço, ela estimula a todos, de forma sutil e irreverente, a refletir sobre a prática docente. Neste caminho, o estímulo foi sempre para mostrar que o discente não depende exclusivamente do

professor, este último que não é o centro e nem detentor do conhecimento já faz muito tempo, desde a invenção dos livros. Esse tempo já passou. Neste sentido, ela lida com o ensino-aprendizagem, colocando-se junto do aluno como co-responsável pelo aprendizado, fazendo-o refletir sobre a sua individualidade, procurando entender quais são as habilidades de cada discente, promovendo formação de autonomia, desenvolvendo a palavra que ela mais gosta de dizer e praticar: cidadania.

A professora Sineide, como gestora do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura sempre buscou o diálogo e tratou as pessoas como iguais, como cidadãos. A cultura de uma educação silenciadora, centrada no mestre, com certeza não faz parte de sua postura. Não é nada fácil o esforço para desenvolver tamanho adjetivo. A biologia é discutida tendo como pano de fundo, a evolução. A evolução é biológica, mas a professora Sineide, no contexto da formação de pessoas, se preocupa com a evolução social. Neste quesito, considero a sua forma de enxergar o mundo e suas complexas relações, no mais alto padrão de evolução social humana.

Gilberto Costa Justino

Trago nessas linhas, algumas breves considerações acerca da contribuição da professora Doutora Sineide Correia Montenegro no Setor de Práticas Pedagógicas do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, na estruturação de um trabalho contínuo em busca de um diálogo e articulação entre as áreas que constituem o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e o consequente aperfeiçoamento da formação inicial e continuada de estudantes e professores. Esse texto é fundamentado nas participações ao lado da professora Sineide enquanto professor substituto do Setor de Práticas Pedagógicas, no envolvimento em trabalhos de planejamento, elaboração, avaliação e reflexão sobre a estrutura curricular e organizacional do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

O Setor de Pedagógicas representa no Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde mais que uma instalação onde docentes de uma área de estudo se concentram e organização a oferta de disciplinas concernentes à sua área formação. Tal setor consiste em um espaço onde se busca de forma contínua o aperfeiçoamento da formação do professor de Ciências e Biologia, mediando debates que conjugam as competências necessárias à formação desse profissional, através de um olhar sobre os caminhos que viabilizem a construção de conhecimentos de natureza técnico-científica, o entendimento acerca dos profecios educativos e todas as questões que

lhe são inerentes e uma reflexão própria sobre o Ensino e a Aprendizagem de Ciências e Biologia. Dentro dessa reflexão situa-se o Ensino e a Aprendizagem de Biologia dentro de uma formação cidadã, que transcende a visão sobre a “passagem” de conteúdo e se preocupa com a formação do sujeito atuante a partir da aprendizagem de Biologia.

A existência do Setor de Práticas Pedagógicas no ICBS traz ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas um caráter singular na formação docente no Estado de Alagoas, visto que é o único curso no âmbito das Universidades Públicas do estado que possui esse espaço próprio de discussão e articulação. Tenho presenciado de momentos de debates acerca de organização curricular, de redimensionamento das práticas para a formação do professor, que recebem contribuição dos diversos professores formadores de diversas áreas das Ciências Biológicas, com experiências peculiares e percepções diversas sobre as necessidades formativas do professor de Biologia, que estabelecem com o setor uma relação colaborativa, que cresce a cada oportunidade de debate e configura ao processo formativo grande riqueza, pois é um processo que constantemente é submetido à autoavaliação e a reconstrução de ações.

Dentro desses debates, a professora Sineide Correia Montenegro é o eixo articulador, além de sua vasta experiência acadêmica a mesma contribuiu para o desenvolvimento da formação dos profissionais no ICBS desde sua entrada como docente no Instituto. E a existência do setor é resultado de sua luta contínua na superação de uma visão que segrega o conhecimento e conseqüente a formação de pessoas, a mesma trabalhou muito para a estruturação do setor através da organização do espaços físicos, da construção da identidade do setor, que trás toda essa articulação aqui colocada, na composição de um corpo docente que trabalhe nessa perspectiva. Pelo acompanhamento da trajetória recente da Professora Sineide e pelo conhecimento que tenho construído acerca de toda a sua labuta para a construção desse diálogo contínuo para a projeção de profissionais para uma prática pautada na reflexão sobre sua atuação no mundo, posso afirmar que ela é responsável pelo avanço da formação docente no curso de Ciências Biológicas.

Não obstante os grandes profissionais que agregaram suas lutas também nesse sentido, mas é importante destacar que a professora Sineide é também responsável pela existência e permanência desses profissionais nessa luta, pela forma como conduz as relações humanas, pela sinergia que ela permite se estabelecer no ambiente e trabalho, pela pessoa humana que é, que se estende para sua prática profissional. Eu, particularmente agradeço muito pela oportunidade de proferir essas palavras. Pela minha

pouca experiência enquanto profissional, a palavra honra não descreve a possibilidade de expressar-me acerca dessa grande pessoa. Obrigado professora Sineide!!

Prof Aleilson Rodrigues

Conheci Sineide na aurora da sua vida, ainda no curso secundário. Dificilmente me engano com as possibilidades do amanhã das pessoas e com ela e nela pude ver a minha antevisão cumprir-se milimetricamente até agora. Nunca, nunca, nunca decepção alguma! Nem com a amiga que permanece nem com a profissional que ascendeu.

Tive muito orgulho quando soube-a na França, a publicar artigo. Sabia que ela representaria bem o nosso Brasil e lá desenvolveria com gosto a prática da língua francesa que tanto amamos. E foi o que ela fez muito bem feito.

Como membro da sua Banca de concurso para professora de Zoologia da UFAL, pude muito justamente aprová-la e logo depois tê-la como colega do mesmo Departamento. Demos aulas juntos e pude então testemunhar as suas habilidades pedagógicas, que com o tempo só vieram a se consolidar.

O nosso entrecruzamento maior deu-se na Universidade Federal de São Carlos, onde tive o privilégio de, em sendo orientador do seu doutorado, ser também orientado pelo seu destemido trabalho de campo que percorria as originalidades em que então nos aventurávamos. O resultado do seu trabalho foi surpreendente e brilhante!

Não sei se a contaminação foi recíproca, mas nos apaixonamos quase simultaneamente pelo grande Edgar Morin, cujo referencial teórico passou a integrar o nosso arsenal comum de busca da verdade científica. Ela tornou-se especialista no nosso novo "guru" e isto, inclusive, tornou-a, melhor ainda como professora de Educação Ambiental.

Com isto resgato um pouco da minha memória, para testemunhar o mérito inegável do memorial agora apresentado por Sineide como requisito para mais uma ascensão profissional.

Conheci Sineide na aurora da sua vida, ainda no curso secundário. Dificilmente me engano com as possibilidades do amanhã das pessoas e com ela e nela pude ver a minha antevisão cumprir-se milimetricamente até agora. Nunca, nunca, nunca decepção alguma! Nem com a amiga que permanece nem com a profissional que ascendeu.

Tive muito orgulho quando soube-a na França, a publicar artigo. Sabia que ela representaria bem o nosso Brasil e lá desenvolveria com gosto a prática da língua francesa que tanto amamos. E foi o que ela fez muito bem feito.

Como membro da sua Banca de concurso para professora de Zoologia da UFAL, pude muito justamente aprová-la e logo depois tê-la como colega do mesmo Departamento. Demos aulas juntos e pude então testemunhar as suas habilidades pedagógicas, que com o tempo só vieram a se consolidar.

O nosso entrecruzamento maior deu-se na Universidade Federal de São Carlos, onde tive o privilégio de, em sendo orientador do seu doutorado, ser também orientado pelo seu destemido trabalho de campo que percorria as originalidades em que então nos aventurávamos. O resultado do seu trabalho foi surpreendente e brilhante!

Não sei se a contaminação foi recíproca, mas nos apaixonamos quase simultaneamente pelo grande Edgar Morin, cujo referencial teórico passou a integrar o nosso arsenal comum de busca da verdade científica. Ela tornou-se especialista no nosso novo "guru" e isto, inclusive, tornou-a, melhor ainda como professora de Educação Ambiental.

Com isto resgato um pouco da minha memória, para testemunhar o mérito inegável do memorial agora apresentado por Sineide como requisito para mais uma ascensão profissional.

Professor Dr. José Geraldo Wanderley Marques

Sineide,

Gostaria de expressar neste momento a minha admiração não só pela Prof^a Dr^a Sineide Correia Silva Montenegro, mas pela minha colega de muitos anos e minha amiga irmã, Nos conhecemos no início da década de 1980, quando da sua admissão como professora do Departamento de Zoologia.

Falar da Sineide é falar de: imparcialidade, retidão, responsabilidade, criatividade, comprometimento, desprendimento, simplicidade,

solidariedade e evidentemente sabedoria (inteligência). Convivemos por mais de trinta anos na nossa rotina de CCBi/ICBS/UFAL, além das atividades extra sala de aula como: atividades de campo, cursos, congressos etc, momentos enriquecedores e maravilhosos, compartilhados. Aproveitando a oportunidade, quero ressaltar a sua imensa contribuição no aperfeiçoamento do meu conhecimento, quanto tive o prazer de tê-la como minha orientadora do curso de mestrado, a minha gratidão, lembrando que fui sua primeira orientanda de mestrado. Destaco também a sua imensa contribuição na formação de muitos biólogos ao longo de todos esses anos de UFAL e do seu empenho e contribuição ativa na criação do setor de Práticas Pedagógicas, finalizando lhe desejo felicidades, sucesso e boa sorte.

Profa. Gilda Acioli da Silva

(Profa. Aposentada do ICBS desde 2012)

Desejo-lhe sucesso na defesa de seu memorial. Grande Abraço!

Nivaldo

Conheci Sineide quando ela veio cursar o Doutorado no Programa de Pós Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, da Universidade Federal de São Carlos (PPG-ERN/UFSCar). Durante o seu doutoramento, no período de 1998 a 2002, ela ficou instalada no Laboratório de Ecologia Humana e Etnoecologia (LEHE), coordenado por mim. O LEHE ganhou em dinamismo com a chegada de Sineide. Ela era quem articulava as reuniões de discussão de textos e temas referentes às pesquisas desenvolvidas no laboratório.

Sempre estava disponível para ajudar outros alunos, quer seja discutindo com eles seus temas de pesquisa ou encorajando-os a vencer os desânimos e as incertezas próprios da academia. Entre suas virtudes, chamava atenção a capacidade de superar as dificuldades cotidianas, sendo conselheira e também exercendo a crítica sempre de forma construtiva.

Tinha, e certamente ainda tem, um astral contagiante. Nunca a presenciei abatida com as dificuldades, quer fossem pessoais ou profissionais. E elas existiam e não eram desprezíveis. Sineide foi orientada pelo prof. Dr. José Geraldo W. Marques, um dos estudiosos pioneiros da abordagem etnoecológica, referência para todos nós do LEHE. Seu Doutorado foi sobre uma abordagem etnoecológica para a conexão homem-camarão no baixo São Francisco Alagoano. Um trabalho de fôlego, elogiável e que

obteve excelente avaliação da banca examinadora. Trata-se de um conteúdo obrigatório para quem deseja entender as modificações nas relações de pesca havidas no baixo São Francisco após a construção da barragem para a produção de energia.

Sineide é uma profissional extremamente capaz e dedicada e uma das pessoas mais altruístas que conheci. Querida amiga desejo-lhe sucesso na sua caminhada. Grande abraço!

Nivaldo Nordi

(Professor aposentado da UFSCar, coordenador do LEHE, de 1994 a 2013)

São Carlos, 20 de novembro de 2018

A experiência de efetivo desenvolvimento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência na Universidade Federal de Alagoas, o Pibid-Ufal, iniciou-se em fevereiro de 2009, com apenas 04 (quatro) subprojetos na área de Matemática e Ciências Naturais no Ensino Médio. À frente da Coordenação Institucional do programa na Ufal, trabalhei com quatro coordenadores/as de área, dentre os quais uma foi a professora Sineide Montenegro, que coordenava o Subprojeto de Biologia. De uma maneira geral, foi uma experiência pioneira e muito rica com os quatro subprojetos, as quatro escolas parceiras, supervisores (professores da Educação Básica) e com os sessenta bolsistas de iniciação à docência, os pibidianos, como carinhosamente chamávamos os estudantes dos cursos de Licenciatura que integravam o Pibid-Ufal.

Aqui tratarei, de forma específica, da experiência rica que tive com a professora doutora Sineide Montenegro, com quem foi possível construir uma parceria importante na construção de um programa ao mesmo tempo novo e desafiador para todos nós. Para isso, gostaria de dividir essa narrativa, ainda que breve, em três elementos: 1. história e histórias da formação docente na Ufal; 2. Pibid para além do ensino e 3. o Pibid no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

1. História e histórias da formação docente na Ufal

Coordenar o programa ou algum subprojeto implicava em participar de diversos momentos coletivos, como reuniões nas escolas com todos os participantes (supervisores, bolsistas de iniciação à docência, coordenadores de área, coordenadora institucional e gestores das escolas),

reuniões com os coordenadores de área e a coordenadora institucional, bem como outros momentos. Como os subprojetos (Matemática, Biologia, Química e Física) eram coordenados pela mesma pessoa no Campus de Maceió e no Campus Arapiraca, as reuniões mensais nas escolas ocorriam também em Arapiraca, o que significava uma viagem de ida e volta, ao todo quatro horas de viagem, fora a permanência no município. Qual a importância de mencionar isso? É que justamente nesses momentos tínhamos a oportunidade de conversar sobre muitas questões relacionadas à Ufal e uma das mais discutidas era o processo recente de criação de novos cursos de Licenciatura a partir de uma proposta de base comum dos cursos, processo do qual a professora Sineide Montenegro participou ativamente.

Assim, foram inúmeras oportunidades para discutirmos propostas, como a dos instigantes Projetos Integradores, os estágios supervisionados, outros componentes curriculares, bem como a concepção de formação docente de uma maneira geral. Eram muitas histórias sobre as discussões, as resistências encontradas e as novas experiências advindas das mudanças acadêmicas gerais e específicas para a construção da identidade dos cursos de licenciatura na Ufal.

Esses momentos, além de se configurarem como compreensão de um processo histórico recém vivido, eram formativos para aqueles coordenadores de área que iniciavam sua incursão no campo da formação docente e da reflexão pedagógica. Apesar de, à primeira vista, parecerem conversas sem maiores intencionalidades, atribuo às mesmas um papel especial para o trabalho desenvolvido no âmbito do Pibid. Aliás, é preciso dizer que um toque especial dessas conversas era justamente a forma interessante e bem-humorada como Sineide narrava a história e as histórias desse processo...

2. Pibid para além do ensino

Logo que iniciado o trabalho do Pibid-Ufal, percebi a necessidade de discutirmos algumas questões sobre a Educação e sobre a prática pedagógica que iam além do ensino, do processo didático específico de cada área curricular abordada no programa. Nesse aspecto, não só em função de sua experiência como coordenadora de curso, mas pelas leituras que tinha e pelas experiências com a Extensão, o Pibid-Ufal contou com a grande contribuição da professora Sineide Montenegro. Assim, mais do que contribuir para a discussão sobre o ensino de ciências da natureza, especificamente da Biologia, Sineide Montenegro colaborou significativamente para pensarmos sobre a escola como um todo, a gestão educacional, o papel social da Educação, a relação pedagógica professor e aluno, a inclusão. Mais uma vez, seu papel formativo foi um diferencial...

3. O Pibid no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

Eu poderia citar diversas experiências importantes que o subprojeto Biologia do Pibid-Ufal, desenvolvido em quatro escolas estaduais de Alagoas, duas em Maceió e duas em Arapiraca, realizou: produção de jogos, incentivo à aprendizagem de Ciências aos estudantes do Ensino Médio, relação teoria e prática na formação dos bolsistas de iniciação à docência, práticas interdisciplinares, etc. No entanto, eu gostaria de me referir a um aspecto que considero de grande relevância e, até hoje, um imenso desafio do Pibid: a relação orgânica entre o programa e os cursos de licenciatura, como discuti em Luis (2010)¹.

Considerando-se o que eu já expus nos pontos 1 e 2 deste breve relato, não é difícil entender por que Sineide conseguiu trazer o Pibid e suas contribuições para o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Campus de Maceió da Ufal. E fez isso por meio da articulação, pela qual a considero responsável, do Setor de Estudos de Práticas Pedagógicas do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, que vem militando e produzindo conhecimento acerca do ensino de ciências e biologia. Por meio desse diálogo entre o referido setor de estudo, sua atuação na coordenação pedagógica e as experiências do Pibid, Sineide Monenegro traz uma contribuição importante para a consolidação de um curso de licenciatura com identidade própria, malgrado todas as dificuldades históricas para isso, o que é de conhecimento para aqueles que, minimamente, se preocupam com a formação docente nesse país.

Pelas três razões aqui apenas brevemente mencionadas, concluo afirmando a importância de uma professora e colega de trabalho que, incansavelmente, tem se dedicado à formação docente na área de ciências e Biologia, fazendo do diálogo e do compartilhamento de ideias e práticas uma marca profissional.

Maceió, 18 de novembro de 2018.

Suzana Maria Barrios Luis

Professora do Centro de Educação
Universidade Federal de Alagoas

¹ LUIS, S. M. B. **Da formação à ação: o Pibid-Ufal como processo reflexivo da formação docente inicial e continuada.** In: SANTOS, L. F.; SILVA, S. R. P. e LUIS, S. M. B. (Orgs.) *Universidade e Escola: Diálogos sobre formação.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. 231p. ISBN 978-85-415-0089-0

Currículo de Lide

Sineide Corrêa Silveira Montenegro

"a creative"

1. UMA PROFESSORA QUE CLARAMENTE SE IMPORTA COM O CONHECIMENTO ADQUIRIDO PELOS ALUNOS E ESTÁ ABERTA AO QUE ELES PODEM ENSINAR!

P.S.: ~~que~~ A PROXIMIDADE NAS FALAS PODEM CRIAR UMA BARREIRA NA CONEXÃO E ENSINAMENTO COM OS ALUNOS.

⇒ SIMPLIFICA!

2. Continue apontando boas pessoas, e estimulando o melhor delas.

→ Que você possa continuar ajudando e inspirando pessoas! Obrigada por oferecer uma proposta diferente de nós. Beijinhos! ♥

→ Que você continue a ser esta pessoa exemplar e a disseminar todos os conhecimentos e aprendizados. Que o troco de viveres seja sempre maravilhoso e conflituoso para perpetuar o pensar. Obrigada por tudo!! 😊

- Obrigada por ter (e ser) esta própria maneira de agir receptiva e compreensiva, realmente faz uma imensa diferença para cada aluno, e eu senti isso logo no primeiro dia de aula. Até hoje. - Deticia J.

- PROFA, obrigada por fazer a diferença em minha formação humana e como profissional. Sua presença, no FCB, é essencial para formar pessoas mais humanas, que refletem sobre si mesmos e o mundo a seu redor, buscando sempre contribuir efetivamente para a sua melhora em diversos aspectos.

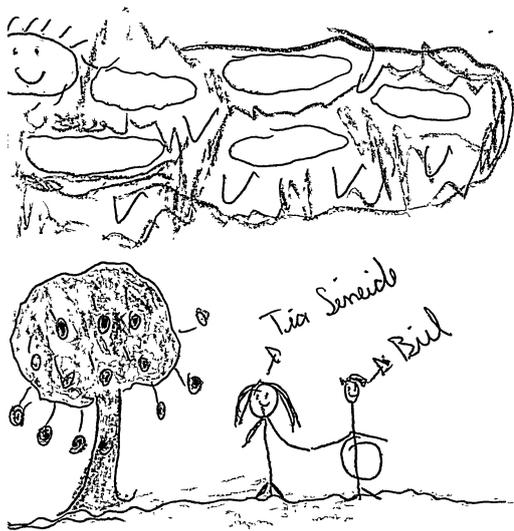
- Professora, obrigada pelos ensinamentos passados nessa matéria. Foi uma ótima vivência - Um abraço.

Curriculo da Uíde

Sineide Correria Silva Montenegro
"a nativa"

Que Você nunca perca essa sua Criatividade e vontade / alegria de ensinar.

Continue acreditando que é possível e lutando pela transformação no mundo em que vivemos e com isso possa alcançar novas conquistas a cada aula.



Professora, seja sempre essa pessoa bela que ama ensinar. Eu sei que é uma sorte imensa e uma bênção dos Céus ter me conhecido, mas minha humildade não me permite contar isso. Desejo-te paz e amor por toda tua vida.

Professora eu gostei muito da sua disciplina, continue sendo sempre essa pessoa maravilhosa.

curriculo do Jirde

28.5.18

seu de C. St Montenegro

Que a felicidade seja sempre presente em sua vida.
Que os seus sonhos sejam realizados e que você continue assim
construindo.

2 - Seu entusiasmo é contagiante e inspirador!

Sua dedicação e comprometimento é admirável,
parabéns por contribuir na vida das pessoas!

Continue sendo esse referencial como docente, gentil, flexível
sempre incentivando os seus alunos e derrubando pré-julgamentos
errôneos.

Educação Ambiental 2017-1
CURRÍCULO VITAE - Sineide Bacha
releto
come - Sineide Montenegro

1. Força e continue sendo criativa.
2. Profa querida, muita saúde, paz e alegria para a senhora; foi um prazer conviver com a senhora esse período!
3. Super dedicada. Muito energia para que possa continuar ajudando os alunos, que é o que nós te falta.
4. VIVA MORRIN!!!
5. Nunca desista de seus projetos! Continue sempre em suas maravilhosas!
6. Que continue mostrando que a função do professor não é apenas educar, mas formar pessoas de verdade. Viva morrin!!!
7. Profa. Sineide você é uma pessoa diferente, não anda a favor do vento, mas fez aquilo que acredita ser o certo e o fez com muito amor. Isso transborda, a sua paixão por ensinar. Foi um prazer conhecê-la! Com toda certeza coligo que você fez e fez a diferença com os alunos, que com o tempo se tornam seus amigos. beijos!
8. Profa, continue sendo esforçada e dedicada a seus alunos, o seu jeito de ensinar e tratar os mudou nossa forma de ver a disciplina e ajudou bastante no aprendizado. Desejo toda felicidade!

CURRÍCULO VITAL

Série de Con. 2do. Anos
Educação Ambiental 2017.1

Prática de
Vozes

1. Uma pessoa que transmite calma, gentileza
2. Que sua autoestima continue nos ensinando a viver a vida e com a vida que existe, sempre com respeito e amor.
3. Uma pessoa iluminada, dinâmica e de amor ao próximo.
4. Exemplo de profissionalismo e de amor pelo seu fôz, nem define uma grande inspiração.
5. Nunca abandone sua forma de olhar o outro, seja sempre aberta a ouvir o outro exerc. a mag.
- 6) Uma pessoa iluminada e um exemplo de profissional, sempre buscando o melhor p. todos.
7. Você é muito sábia! Que sa. senhora continue iluminando e sendo iluminada por seus alunos com a certeza de que colherá bons frutos.
8. Determinação, garra, persistência de definem. Coragem para enfrentar o medo é uma das características que em ti admiro.
9. Sua humildade, e forma de tratar todos é cativante! Admiro sua garra que apesar do cansaço é sempre notável! Todo o sucesso que a senhora tem é merecido! Beijo! Te admiro muito!